



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO - CTC
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E SISTEMAS
CURSO ENGENHARIA DE PRODUÇÃO CIVIL

Alessandra Jaboinski da Silva

**Formação de ecossistemas circulares: um estudo em brechós de moda em
Florianópolis**

Florianópolis
2025

Alessandra Jaboinski da Silva

**Formação de ecossistemas circulares: um estudo em brechós de moda em
Florianópolis**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Engenharia de Produção Civil do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Engenharia de Produção Civil.

Orientador(a): Profa. Dra. Lucila Maria de Souza Campos

Florianópolis

2025

da Silva, Alessandra Jaboinski

Formação de ecossistemas circulares: um estudo em brechós de moda em Florianópolis / Alessandra Jaboinski da Silva ; orientadora, Lucila Maria de Souza Campos, 2025.
96 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
Tecnológico, Graduação em Engenharia de Produção Civil,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

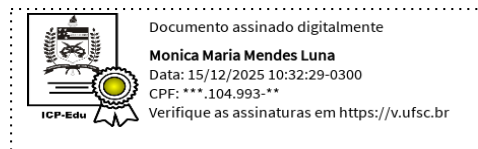
1. Engenharia de Produção Civil. 2. Ecossistema Circular. 4. Moda. I. Campos, Lucila Maria de Souza. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Engenharia de Produção Civil. III. Título.

Alessandra Jaboinski da Silva

**Formação de ecossistemas circulares: um estudo em brechós de moda em
Florianópolis**

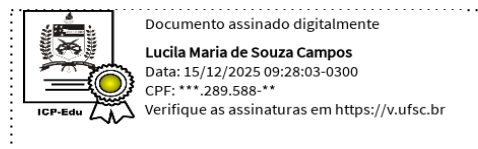
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Engenharia de Produção Civil aprovado em sua forma final pelo Curso de Engenharia de Produção Civil.

Florianópolis, 09 de dezembro de 2025.



Coordenação do Curso

Banca examinadora



Prof.(a) Lucila Maria de Souza Campos Dra.

Orientadora

Prof. Edson Pacheco Paladini Dr.
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Engenheira Adriana Hoffman Trevisan Dra.
Instituição Politécnico de Milano
Florianópolis, 2025.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que, de alguma forma, me ajudaram no processo de construção deste estudo.

Primeiramente, à minha família, que sempre me incentivou a estudar e dar o melhor de mim. Sem o apoio que recebi nos últimos anos, não teria conseguido chegar até aqui. À minha mãe, que me ensinou a importância do estudo e da perseverança; ao meu pai, que sempre esteve ao meu lado e me ensinou a lidar com as situações difíceis da vida; e à minha irmã, pelos melhores conselhos que eu poderia ter. Ao meu companheiro Alexandre, que me incentiva a ser uma pessoa melhor todos os dias, muito obrigada pelo apoio constante.

Agradeço também à Professora Lucila, por todas as conversas, orientações e pela confiança depositada em mim. Suas trocas e direcionamentos foram fundamentais para o meu crescimento profissional e pessoal neste último ano.

Agradeço ainda à Laura, Giovana, Alice e Henrique, que estiveram comigo nessa jornada desde o primeiro dia de aula. O apoio, a amizade e a companhia de vocês foram essenciais para tornar esse caminho mais leve, sou muito grata por ter tido o apoio de vocês nos últimos anos.

Por fim, meu agradecimento especial às gestoras de brechós que aceitaram participar das entrevistas. Muito obrigada por serem tão pacientes, solícitas e acolhedoras. Adorei poder conversar com cada uma, pois essa experiência tornou a escrita deste trabalho muito mais rica e significativa.

RESUMO

Ecossistemas circulares são arranjos colaborativos que conectam valor, atores, fluxos, atividades e governança para manter materiais em uso e ampliar a criação de valor coletivo. Apesar do avanço conceitual, ainda faltam evidências empíricas sobre condições de viabilidade em contextos urbanos, especialmente na moda. Este trabalho avaliou a viabilidade de formação de um ecossistema circular entre brechós e atores do reuso em Florianópolis, identificando condições existentes, lacunas e iniciativas capazes de tornar o ambiente mais favorável ao seu surgimento. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, exploratório-descritiva e aplicada. Realizou revisão sistemática da literatura para consolidar os drivers e frameworks de ecossistemas circulares e mapear os atores existentes no contexto de reuso na moda; em seguida, conduziu entrevistas semiestruturadas com brechós identificados no recorte local, organizando as evidências por categorias dedutivas derivadas da revisão. O diagnóstico obtido indicou um estágio inicial de maturação: observou-se a presença de capacidades e recursos operacionais que auxiliam na cooperação, ao lado de assimetrias na articulação entre atores e de heterogeneidade quanto a práticas, rotinas e entendimento de valor. Verificaram-se iniciativas pontuais com potencial de agregação, mas ainda sem configuração sistêmica estável. A pesquisa respondeu à pergunta central ao sintetizar ações prioritárias orientadas ao diagnóstico e coerentes com os elementos essenciais do ecossistema. Concluiu-se que as ações propostas não garantiam a formação do ecossistema, mas elevavam sua viabilidade no contexto analisado.

Palavras-chave: ecossistema circular; moda; brechós.

ABSTRACT

Circular ecosystems are collaborative arrangements that connect value, actors, flows, activities, and governance to keep materials in use and expand the creation of collective value. Despite conceptual advances, empirical evidence is still lacking regarding feasibility conditions in urban contexts, especially in fashion. This study evaluated the feasibility of forming a circular ecosystem among secondhand stores and reuse actors in Florianópolis, identifying existing conditions, gaps, and initiatives capable of making the environment more favorable to its emergence. The research adopted a qualitative, exploratory-descriptive, and applied approach. It conducted a systematic literature review to consolidate the drivers and frameworks of circular ecosystems and to map the actors existing in the context of fashion reuse; subsequently, it carried out semi-structured interviews with secondhand stores identified in the local scope, organizing the evidence into deductive categories derived from the review. The diagnosis obtained indicated an initial stage of maturation: the presence of operational capabilities and resources that support cooperation was observed, along with asymmetries in the articulation between actors and heterogeneity in practices, routines, and understanding of value. Occasional initiatives with aggregation potential were verified, but still without a stable systemic configuration. The research answered the central question by synthesizing priority actions oriented to the diagnosis and consistent with the essential elements of the ecosystem. It was concluded that the proposed actions did not guarantee the formation of the ecosystem but increased its feasibility in the analyzed context.

Keywords: circular ecosystem; fashion; second hand.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Framework</i> conceitual de ecossistema circular.....	28
Figura 2 - Classificação para Ecossistemas Circulares.....	30
Figura 3 - <i>Framework</i> de transição para ecossistema circular	40
Figura 4 - Etapas da Pesquisa.....	48
Figura 5 - Descrição da Revisão Sistemática da Literatura.....	52
Figura 6 - Mapa dos brechós identificados	53
Figura 7 - Gráfico de Tendências por código.....	61
Figura 8 - Mapa de calor dos códigos	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese dos fatores habilitadores de ecossistemas circulares	32
Quadro 2 - Síntese dos <i>frameworks</i> de ecossistemas circulares	41
Quadro 3 - Atores da etapa de reuso de roupas	45
Quadro 4 – Perguntas de pesquisa	50
Quadro 5 - Códigos e Subcódigos utilizados	60
Quadro 6 - Síntese da classificação das evidências dos <i>drivers</i>	63
Quadro 7 - Síntese das ações mapeadas	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	OBJETIVOS	18
1.1.1	Objetivo Geral	18
1.1.2	Objetivos Específicos	18
1.2	JUSTIFICATIVA	19
1.3	DELIMITAÇÃO DO TRABALHO	20
2	REVISÃO TEÓRICA	23
2.1	ECONOMIA CIRCULAR.....	23
2.2	ECOSSISTEMAS DE NEGÓCIOS	24
2.3	ECOSSISTEMAS CIRCULARES	26
2.3.1	<i>Drivers</i> do ecossistema circular	31
2.3.2	<i>Frameworks</i> de Ecossistemas Circulares.....	34
2.3.3	Ecossistemas Circulares da Moda	41
2.4	INDÚSTRIA DA MODA	42
2.4.1	Atores da etapa de reuso de roupas	44
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
3.1	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	47
3.2	ETAPAS DA PESQUISA	48
3.2.1	Etapa 1: Revisão Sistemática da Literatura	48
3.2.2	Etapa 2: Diagnóstico Prático	52
3.2.3	Etapa 3: Análise das condições para o ecossistema circular a partir das entrevistas	56
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	58
4.1	RESULTADO DAS ENTREVISTAS	58
4.2	ANÁLISE DAS CONDIÇÕES PARA O ECOSISTEMA CIRCULAR	62
4.2.1	Análise dos <i>drivers</i>	63
4.2.2	Análise dos elementos essenciais	72
4.3	AÇÕES PARA O FORTALECIMENTO DAS CONDIÇÕES DO ECOSISTEMA CIRCULAR.....	73
5	CONCLUSÕES	77
	REFERÊNCIAS	80
	APÊNDICE A – LISTA DOS BRECHÓS ENCONTRADOS	92

APÊNDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	93
APÊNDICE C – GUIA DE CONTATO COM OS BRECHÓS	94
APÊNDICE C – GUIA DE CONTATO COM OS BRECHÓS	95
APÊNDICE D – BRECHÓ A X <i>DRIVERS</i>	96
APÊNDICE E – BRECHÓ B X <i>DRIVERS</i>	97
APÊNDICE F – BRECHÓ C X <i>DRIVERS</i>	98
APÊNDICE G – BRECHÓ D X <i>DRIVERS</i>	99
APÊNDICE H – BRECHÓ E X <i>DRIVERS</i>	100

1 INTRODUÇÃO

A indústria têxtil é globalmente relevante não apenas do ponto de vista econômico, mas também social, dada sua expressiva contribuição para o Produto Interno Bruto (PIB) e a geração de empregos (Saha; Dey; Kumar, 2024). Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (UNECE, 2018), essa indústria movimenta mais de 2,5 trilhões de dólares em vendas anuais em todo o mundo.

Nos últimos anos, a crescente preocupação com as condições de vida e as mudanças climáticas, resultantes do contínuo processo de industrialização, tem gerado impactos ambientais cada vez mais significativos (Ghisellini; Cialani; Ulgiati, 2016; Echeverria et al., 2019). O setor de vestuário ocupa a quarta posição no ranking de atividades econômicas de maior impacto ambiental, ficando atrás apenas de habitação, transporte, viagens e alimentação (Pal; Gander, 2018). A expansão da moda rápida, caracterizada por ciclos acelerados de produção e consumo, agrava esse cenário, reduzindo drasticamente a vida útil das peças de vestuário e aumentando a geração de resíduos (Niinimäki et al., 2020).

Torna-se evidente a necessidade de práticas mais sustentáveis e circulares, capazes de mitigar os efeitos socioambientais desse setor (Abbate; Centobelli; Cerchione, 2023; Abdelmeguid; Afy-Shararah; Salonitis, 2024; Todeschini et al., 2017; Vesterinen; Lee; Luomala, 2024). Desta forma, estratégias de gestão de resíduos começaram a ser implementadas na indústria da moda (Aus et al., 2021). Nesse contexto, a economia circular (EC) emergiu como uma abordagem fundamental, buscando dissociar o crescimento econômico do consumo de recursos, otimizando a utilização de materiais e minimizando a geração de resíduos (Lawrence et al., 2023). Segundo relatório da Ellen MacArthur Foundation (2017), um dos caminhos centrais para promover a circularidade na indústria da moda é prolongar o ciclo de vida das roupas, o que pode ser alcançado por meio do aumento do número de usos de cada peça e da sua circulação entre diferentes consumidores. Essa estratégia visa reduzir a necessidade de produção de novos itens e, conseqüentemente, mitigar os impactos ambientais do setor ("A New Textiles Economy: Redesigning Fashion's Future", 2017). No Brasil, observa-se uma mudança de comportamento entre os consumidores: segundo o Boston Consulting Group, entre os brasileiros que compram ou vendem

roupas usadas, cerca de 12% do guarda-roupa já é composto por peças de segunda mão, com expectativa de crescimento para 20% nos próximos anos (BCG, 2022).

As lojas de segunda mão, ou brechós, desempenham um papel relevante na transição da indústria da moda para a economia circular, contribuindo principalmente para o prolongamento da vida útil das roupas por meio do reuso (Jia et al., 2020; Persson; Hinton, 2023). A revenda de vestuário pós-consumo impede a destinação final prematura dessas peças, mantendo-as em circulação e reduzindo a demanda por novos produtos (Gopalakrishnan; Matthews, 2018). No entanto, esses negócios ainda enfrentam desafios operacionais significativos, como custos de marketing, gestão de estoque e sanitização das peças, além da escassez de pessoal qualificado e da competição com produtos de baixo custo (D'Adamo et al., 2022).

Embora o conceito de economia circular esteja em expansão, a orquestração dos recursos e das relações entre agentes ainda é pouco compreendida e aplicada de forma sistemática (Hazen et al., 2022). No setor da moda, a adoção de práticas como reuso, *upcycling* e reciclagem envolve múltiplos elos, extrapolando os fluxos convencionais de logística reversa e exigindo formas coordenadas de atuação (Ellen MacArthur Foundation, 2017; Batista et al., 2018). Esse tipo de coordenação remete à lógica dos ecossistemas de negócios, que são arranjos dinâmicos compostos por atores interdependentes, não hierárquicos e alinhados em torno de propostas de valor compartilhadas (Adner, 2017; Jacobides; Cennamo; Gawer, 2018). O conceito de ecossistema circular surge da aplicação dessa lógica à economia circular, propondo uma organização colaborativa entre agentes diversos com foco na regeneração de valor e na circulação contínua de recursos (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020; Trevisan et al., 2022)

A efetividade de um ecossistema circular depende da cooperação entre os atores envolvidos, que devem alinhar suas práticas para manter os recursos em circulação e ampliar a criação de valor compartilhado (Gomes et al., 2024). Além disso, modelos conceituais têm sido utilizados como ferramentas para estruturar essas interações e orientar a colaboração entre os diferentes participantes dos ecossistemas circulares, proporcionando diretrizes para governança, coordenação e captura de valor (Castillo-Ospina et al., 2025). No setor da moda, a lógica de ecossistemas circulares dá origem ao conceito de ecossistema circular da moda, que propõe estruturas colaborativas voltadas à manutenção dos produtos têxteis em ciclos

prolongados de uso, evitando sua destinação final em aterros ou incineração (Ghoreishi; Bhandari; Franconi, 2022).

Na perspectiva do ecossistema circular da moda, este trabalho concentra-se nos brechós como atores centrais nesse processo, uma vez que, segundo D'Adamo et al. (2022), esses estabelecimentos desempenham um papel direto na extensão da vida útil das roupas e na redução dos impactos ambientais da indústria da moda. Com base nesse ponto de vista, propõe-se um estudo aplicado no contexto local de Florianópolis, buscando compreender como as relações entre brechós podem contribuir para a construção de um ecossistema circular. Assim, este trabalho busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: **Quais ações podem contribuir para a formação de um ecossistema circular entre os brechós e os atores responsáveis pelo reuso de roupas?**

1.1 OBJETIVOS

Esta seção é dedicada a descrever o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho.

1.1.1 Objetivo Geral

Identificar ações que possam contribuir para a formação de um ecossistema circular entre os brechós em Florianópolis, com base na avaliação das condições atualmente observadas.

1.1.2 Objetivos Específicos

Para esse objetivo ser atingido, tem-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Revisar os fatores e modelos que impulsionam a formação de ecossistemas circulares;
- b) Mapear os principais atores da economia circular da moda que atuam na etapa de reuso de roupas;
- c) Avaliar a existência de fatores habilitadores de ecossistemas circulares no contexto atual dos brechós em Florianópolis;

- d) Identificar melhorias para que o ambiente atual dos brechós seja mais favorável à emergência de um ecossistema circular.

1.2 JUSTIFICATIVA

No contexto brasileiro, a indústria têxtil apresenta grande expressividade econômica, com faturamento de R\$ 212,6 bilhões em 2024 e mais de 1,3 milhão de empregos diretos, o que representa um crescimento de aproximadamente 4,3% em relação ao ano anterior (IEMI, 2025). No entanto, a gestão dos resíduos gerados por essa indústria apresenta grandes desafios, uma vez que 70% a 75% das roupas usadas são descartadas diretamente em aterros sanitários ou lixões, sem qualquer tipo de tratamento ou reaproveitamento (ABREMA, 2024).

O reuso de roupas desponta como uma estratégia importante para a economia circular, pois substitui a lógica linear por ciclos mais sustentáveis de uso, devolução e reaproveitamento (Machado et al., 2019; Parida et al., 2019). Nesse sentido, o mercado de segunda mão tem ganhado força no Brasil, impulsionado por fatores econômicos e, cada vez mais, por preocupações mais sustentáveis (BCG, 2022).

A colaboração entre agentes econômicos é um fator-chave para o fortalecimento de cadeias de suprimentos circulares, mas essa colaboração ainda é pouco explorada em contextos aplicados (Hazen et al., 2022). Ao contrário de iniciativas isoladas, os ecossistemas circulares operam de forma integrada, reconhecendo que a circularidade não é atributo exclusivo de organizações individuais, mas uma característica inerente a redes de interação entre empresas, consumidores e demais *stakeholders* (Adner, 2017; Hsieh et al., 2017; Asgari; Asgari, 2023).

Nessa perspectiva de ecossistemas circulares, a criação de valor sustentável decorre de esforços coletivos, com distribuição de responsabilidades e mecanismos de captura justa de valor que sustentam o engajamento dos participantes (Clarysse et al., 2014; Konietzko et al., 2020). A lógica de interdependência e complementariedade entre atores amplia o potencial da economia circular, ao mesmo tempo em que reforça a importância da cooperação entre atores diversos para superar barreiras estruturais e operacionais (Adner, 2017; Hsieh et al., 2017). Ainda assim, estudos como o de

Pietrulla (2022) apontam que a pesquisa sobre ecossistemas circulares ainda é emergente, especialmente no que diz respeito à sua aplicação em setores específicos.

A escassez de estudos sobre a implementação da economia circular em nível microeconômico, especialmente no mercado de roupas de segunda mão, evidencia a importância de aprofundar o entendimento sobre como os ecossistemas circulares podem ser estruturados no setor da moda (Virgens; Silva; Laranjeira, 2023). Como apontam Virgens, Silva e Laranjeira (2022), a literatura sobre os benefícios ambientais da revenda de roupas e sobre a aplicação da economia circular nesse setor ainda é limitada, o que reforça a relevância de pesquisas voltadas à orquestração de arranjos colaborativos entre atores que promovem o reuso de roupas.

Este trabalho justifica-se por buscar compreender como brechós, enquanto agentes centrais da circularidade, podem colaborar entre si para fortalecer práticas sustentáveis no setor da moda. A pesquisa contribui ao investigar esse fenômeno em um contexto específico, Florianópolis, gerando conhecimento aplicado sobre as condições e possibilidades de formação de ecossistemas circulares locais a partir de arranjos colaborativos entre brechós.

1.3 DELIMITAÇÃO DO TRABALHO

Para situar o alcance deste trabalho, este tópico apresenta a delimitação da etapa de pesquisa com brechós. A delimitação define o espaço amostral, explicita o recorte geográfico e as unidades analisadas, com o objetivo de garantir a viabilidade da investigação no prazo previsto para este trabalho.

O espaço amostral foi delimitado a partir de um recorte geográfico: bairros adjacentes ao Campus Universitário da Trindade (UFSC), por causa da elevada circulação de alunos, e o Centro de Florianópolis, devido ao pré-mapeamento exploratório realizado no *Google Maps* que indicou maior ocorrência relativa de estabelecimentos nessa área.

A opção por concentrar o estudo nos bairros próximos ao Campus Universitário da Trindade da UFSC baseia-se na relação entre o perfil de quem costuma frequentar brechós e a dinâmica gerada pela presença do campus. Estudos apontam que o público que mais frequenta brechós é predominantemente jovem, motivado por razões econômicas e ambientais (Soares, 2021; Yu; Gomez-Borquez; Zaichkowsky, 2023), representado majoritariamente pelo público feminino, com

ensino superior incompleto e renda até cinco salários-mínimos (Matos; Barbosa, 2016). Como o campus está localizado na Trindade e atrai fluxo diário de estudantes, a própria Trindade e os bairros vizinhos Córrego Grande, Pantanal e Carvoeira tendem a concentrar esse público, o que sustenta o recorte adotado.

Além disso, foi feito um mapeamento no *Google Maps* em abril de 2025, usando a busca “brechó” na área urbana de Florianópolis. O resultado mostrou que o Centro reúne mais brechós do que outros bairros analisados. Como essa região concentra esse tipo de estabelecimento e se alinha ao objetivo do estudo, o bairro Centro foi incluído como recorte adicional.

1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este estudo organiza-se em cinco capítulos. No capítulo de Introdução, apresentam-se a contextualização do tema, o problema de pesquisa, o objetivo geral e os específicos, a justificativa e as delimitações adotadas.

O capítulo 2 apresenta a Revisão Teórica, que reúne a base conceitual necessária ao desenvolvimento do estudo e está estruturada em quatro seções encadeadas. A primeira aborda Economia Circular e inclui uma subseção sobre modelos de negócio circulares. A segunda introduz o campo de Ecossistemas, com ênfase em ecossistemas de negócios. A terceira trata de ecossistemas circulares, incluindo as subseções *drivers* e *frameworks* identificados na revisão sistemática da literatura e por último a subseção sobre ecossistemas circulares aplicados à moda. A quarta apresenta a indústria da moda, além dos atores principais no reuso de roupas.

No terceiro capítulo são apresentados os Procedimentos Metodológicos, responsáveis por descrever a classificação da pesquisa e o delineamento das etapas. Primeiro, apresenta-se uma visão geral do percurso metodológico, depois, detalham-se as três etapas realizadas para assegurar transparência e reprodutibilidade.

O capítulo de Resultados e Discussão expõe os achados empíricos decorrentes das entrevistas, seguido da análise com base na literatura. Na sequência, apresenta-se a discussão que relaciona resultados e referencial teórico, destacando convergências, lacunas e identificação de ações.

Por fim, as Conclusões sintetizam os principais resultados frente aos objetivos específicos, responde à pergunta de pesquisa e avalia o alcance do objetivo geral. O

capítulo também registra as limitações do estudo e indica direções para pesquisas futuras.

2 REVISÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta os principais fundamentos teóricos que sustentam o estudo. Inicia com os conceitos de Economia Circular e Modelos de Negócio Circulares, segue com a abordagem de Ecossistemas de Negócios e Ecossistemas Circulares, e finaliza com a contextualização da indústria da moda, setor em que o estudo se insere.

2.1 ECONOMIA CIRCULAR

A Economia Circular (EC) surgiu como uma alternativa ao modelo econômico linear tradicional, no qual os recursos são extraídos, transformados em produtos e, ao final de sua vida útil, descartados. Em contraste, a proposta circular visa restaurar e regenerar materiais, criando sistemas que minimizam resíduos, otimizam o uso de recursos e estendem o ciclo de vida dos produtos (Ellen MacArthur Foundation, 2012).

A EC também é definida como:

[...] um modelo econômico em que o planejamento, a obtenção de recursos, a aquisição, a produção e o reprocessamento são desenhados e gerenciados — tanto como processo quanto como resultado — de modo a maximizar o funcionamento dos ecossistemas e o bem-estar humano (Murray; Skene; Haynes, 2017).

Nos últimos anos, o termo "economia circular" ganhou ampla popularidade tanto no meio acadêmico quanto entre formuladores de políticas públicas e empresas privadas, sendo frequentemente associado a estratégias de sustentabilidade, inovação e competitividade (Ghisellini; Cialani; Ulgiati, 2016). Essa popularização, no entanto, trouxe consigo uma diversidade de interpretações, embora o foco nas práticas de redução, reutilização e reciclagem esteja presente na maioria das descrições, muitas abordagens não capturam a necessidade de uma transformação sistêmica ampla, nem conectam explicitamente a economia circular aos princípios de desenvolvimento sustentável (Kirchherr; Reike; Hekkert, 2017).

A operacionalização da economia circular acontece em diferentes níveis, no nível micro, a circularidade se expressa no design de produtos, nos modelos de negócio das empresas e nos comportamentos de consumo (Geissdoerfer et al., 2020).

No nível meso, envolve a formação de ecoparques industriais e parcerias colaborativas entre empresas, compartilhando fluxos de energia, água e materiais (Kirchherr; Reike; Hekkert, 2017). Já no nível macro, a EC demanda políticas públicas, regulações nacionais e articulações regionais que incentivem a criação de ambientes propícios para práticas circulares (Prieto-Sandoval; Jaca; Ormazabal, 2018).

Com base na complexidade e nas características associadas a teoria da economia circular, Prieto-Sandoval, Jaca e Ormazabal (2018) identificaram os princípios da economia circular considerados essenciais para a formulação desse conceito: a recirculação de recursos e energia, com ênfase na minimização da demanda por novos recursos e na recuperação de valor a partir dos resíduos; a abordagem multinível, que compreende desde ações individuais até políticas públicas; a importância da economia circular como caminho para alcançar o desenvolvimento sustentável; e sua estreita relação com os processos de inovação social.

2.2 ECOSSISTEMAS DE NEGÓCIOS

O conceito de ecossistema no contexto dos negócios tem suas raízes na biologia e foi introduzido no campo da gestão Moore (1993), que definiu ecossistemas de negócios como comunidades de organizações e indivíduos que interagem, evoluem e se transformam em conjunto, formando uma rede interdependente. Essa abordagem rompe com a visão tradicional de cadeias lineares de suprimentos e sugere que empresas, clientes, fornecedores, instituições e até concorrentes coexistem e colaboram em torno de uma proposta de valor coletiva (Adner, 2017; Moore, 1993). Na mesma linha, Kanda et al. (2021) destacam que os ecossistemas são compostos por atores heterogêneos que mantêm relações de dependência mútua, seja na forma de compartilhamento de recursos, conhecimentos ou capacidades, visando não apenas objetivos próprios, mas também a sustentabilidade do sistema coletivo.

Jacobides, Cennamo e Gawer (2018, p. 2264) definem ecossistemas como “um conjunto de atores com diferentes graus de complementaridades multilaterais, não genéricas, que não são totalmente controladas de forma hierárquica.” Além disso, ecossistema também foi definido como estrutura, na qual o ecossistema é entendido como uma configuração de atividades interdependentes necessárias para que uma proposta de valor se materialize (Adner, 2017). Esse modelo enfatiza que o

ecossistema não se define apenas pelo conjunto de atores, mas pela estrutura de alinhamento entre eles — incluindo atividades, posições, fluxos e vínculos (Adner, 2017; Gomes et al., 2021).

A literatura contemporânea reforça que os ecossistemas de negócios são arranjos dinâmicos que operam além das fronteiras organizacionais e industriais, sendo caracterizados pela interdependência, pela coevolução e pela cocriação de valor (Peçanha; Ferreira, 2025; Rossi; Srai, 2024). A lógica do ecossistema amplia a visão centrada na empresa, passando a focar nas interdependências multilaterais entre os participantes, que não estão conectados apenas em relações bilaterais, mas em redes complexas e complementares (Adner, 2017). Além disso, a abordagem de ecossistemas de negócios privilegia a captura de valor, entendida como a apropriação, pelas empresas, do valor gerado em interações com múltiplos atores (Gomes et al., 2018).

A organização que lidera o ecossistema, conhecida como orquestradora, é responsável por coordenar as ações dos participantes e promover uma visão comum por meio do estabelecimento de normas e diretrizes (Shen et al., 2024). Já atores que compõem os ecossistemas abrangem uma diversidade de agentes, incluindo formuladores de políticas públicas, consórcios, empreendedores, investidores privados, fornecedores, concorrentes, consumidores e a empresa focal (Tsujimoto et al., 2018).

Diante do arranjo de orquestração e da pluralidade de atores envolvidos, a gestão de ecossistemas assume papel central: consiste em desenhar, planejar e gerir o conjunto de atividades por meio das quais criação e captura de valor ocorrem de forma distribuída entre atores autônomos, mas interdependentes, em torno de uma inovação sistêmica e voltadas a um público-alvo (Gomes et al., 2021). Essa gestão opera em múltiplos níveis — do indivíduo à firma, do nível da firma ao ecossistema, inclusive nas relações entre ecossistemas — envolvendo, internamente, habilidades, rotinas/capacidades e estratégias adequadas para atuar no arranjo; e, externamente, coordenação e alinhamento com atores complementares e decisões estratégicas de criar ou ingressar ecossistemas (Gomes et al., 2021). No nível do ecossistema, a gestão inclui remover gargalos, gerir parcerias e complementaridades, cuidar da “saúde” do ecossistema, equilibrar cooperação e competição, definir regras e padrões com o objetivo de elevar a capacidade competitiva do ecossistema frente a arranjos rivais (Gomes et al., 2021).

2.3 ECOSSISTEMAS CIRCULARES

Este tópico primeiramente apresenta e caracteriza os principais elementos dos ecossistemas circulares, com base em estudos e publicações recentes sobre o tema. Em seguida, a partir da revisão sistemática da literatura descrita no item 3.2.1, o item 2.3.1 apresenta os *drivers* identificados e o item 2.3.2 reúne os *frameworks* sobre ecossistemas circulares mapeados. Essa organização busca dar continuidade e clareza à leitura dos subitens seguintes.

Com o avanço das discussões sobre sustentabilidade e circularidade, o conceito de "ecossistema circular" passou a ser delineado, integrando as ideias de cooperação intraorganizacional às práticas de economia circular (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020). Ecossistemas circulares são estruturas que reúnem atores interdependentes de diferentes setores para viabilizar propostas de valor orientadas à circularidade, permitindo a reinserção de materiais e produtos em ciclos produtivos fechados (Trevisan et al., 2022).

Ainda que a ideia de ecossistemas seja amplamente consolidada, as definições específicas de ecossistemas circulares ainda variam na literatura (Pietrulla, 2022). É percebida uma falta de consenso ao observar que termos como "ecossistema circular", "ecossistema de economia circular" e "ecossistema de negócio circular" são frequentemente utilizados de maneira intercambiável, sem uma delimitação clara (Pietrulla, 2022).

Um ecossistema circular é formado em torno de objetivos comuns que envolvem a circularidade dos recursos, o compartilhamento de conhecimento sobre economia circular ou a implementação de modelos de negócios circulares. Sua configuração pode variar de sistemas coordenados, centrados em modelos específicos, a estruturas mais flexíveis e afiliadas por objetivos gerais, podendo ter liderança centralizada ou uma coordenação mais distribuída entre os participantes (Aarikka-Stenroos; Ritala; Thomas, 2021).

A estruturação de um ecossistema circular depende de 5 elementos: o valor, os atores, o fluxo de materiais e dados, as atividades e estratégias circulares, e a governança (Trevisan et al., 2022). O conceito de valor se destaca como o elemento central dentro de um ecossistema circular, pois é a base que orienta sua dinâmica. Ele inclui a definição de uma proposta de valor alinhada à circularidade, como também

a construção conjunta desse valor entre os atores, sua captura de forma compartilhada e a geração contínua de valor por meio de diferentes ciclos dentro do próprio ecossistema (Trevisan et al., 2022). A proposta de valor, especificamente, é descrita na literatura da seguinte maneira:

[...] a proposta de valor em um ecossistema circular é definida coletivamente pelos atores e busca viabilizar a circularidade dos recursos. O objetivo é gerar benefícios econômicos, ambientais e, em alguns casos, sociais para todos os participantes do ecossistema (Trevisan et al., 2022a).

Os atores do ecossistema, por sua vez, são diversos e heterogêneos, incluindo empresas, cooperativas, universidades, ONGs e órgãos governamentais, cuja interação é essencial para a sustentabilidade do sistema (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020; Trevisan et al., 2022). Essa diversidade permite desempenhar funções complementares que viabilizam os ciclos circulares (Tate et al., 2019), para isso é importante realizar um alinhamento de interesses entre as partes, tanto dos objetivos individuais quanto coletivos (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020).

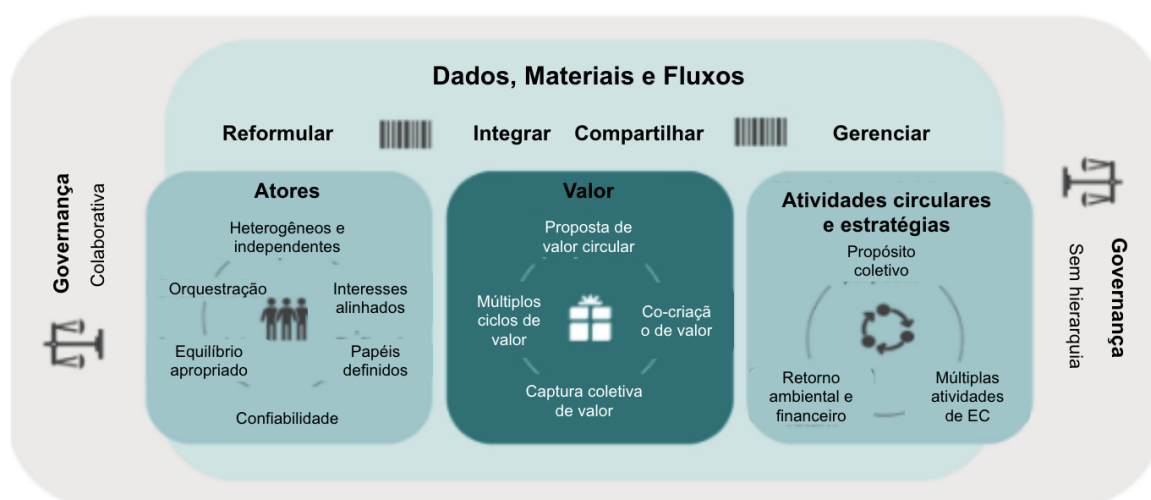
Entre os elementos estruturantes dos ecossistemas circulares, os fluxos de materiais e informações demandam, primeiramente, uma ressignificação no uso dos recursos, buscando alternativas que maximizem a circulação de materiais e dados (Hakanen; Rajala, 2018; Konietzko; Bocken; Hultink, 2020). Além disso, ao integrar dados de diferentes fontes é possível oferecer uma visão ampla do ecossistema e favorecer sinergias (Trevisan et al., 2022). Por fim, a gestão eficiente desses fluxos, aliada ao uso de plataformas digitais, fortalece a tomada de decisão, a cocriação de valor e a construção de confiança entre os atores (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020; Trevisan et al., 2022).

As atividades e estratégias circulares implementadas nos ecossistemas vão além da simples reciclagem, incluindo práticas que prolongam o ciclo de vida dos produtos, tais como reuso, remanufatura, compartilhamento, reparo e recuperação de materiais (Gomes et al., 2024; Trevisan et al., 2022). Essas estratégias devem focar em objetivos coletivos para atingir a efetividade do sistema, promovendo ganhos econômicos e ambientais simultaneamente (Trevisan et al., 2022).

Quanto à governança, os ecossistemas circulares devem adotar uma abordagem não hierárquica e colaborativa, em que um "orquestrador" desempenha o papel de coordenar interesses, definir padrões, gerir os fluxos e assegurar a adesão

aos princípios da circularidade (Trevisan et al., 2022). Esse orquestrador pode ser uma empresa líder, órgão governamental ou plataforma digital especializada (Gomes et al., 2024; Parida et al., 2019; Pietrulla, 2022; Trevisan et al., 2022). Para garantir uma coordenação eficaz no ecossistema, é importante estabelecer um conjunto de regras que orientem e organizem as interações entre os atores, garantindo o alinhamento estratégico (Jacobides; Cennamo; Gawer, 2018). Essas regras podem ser definidas por entidades governamentais ou pelo próprio orquestrador do ecossistema (Parida et al., 2019; Trevisan et al., 2022). O modelo proposto por Trevisan et al. (2022) pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 - *Framework* conceitual de ecossistema circular.



Fonte: Adaptado de Trevisan et al. (2022).

Pietrulla (2022) propõe uma tipologia dos ecossistemas circulares baseada em dois eixos principais: alcance geográfico (local ou global) e escopo setorial (intraindustrial ou interindustrial). Essa classificação gera quatro tipos distintos de ecossistemas: locais e intraindustriais, locais e interindustriais, globais e intraindustriais e globais e interindustriais (Pietrulla, 2022).

Os Ecossistemas Circulares Locais e Intra-Industriais operam em regiões geograficamente delimitadas, reunindo atores que fazem parte de uma mesma indústria ou setor. Esses ecossistemas frequentemente assumem a forma de clusters industriais locais, nos quais as empresas cooperam para compartilhar serviços, recursos, infraestrutura e conhecimentos técnicos, promovendo ganhos de eficiência e práticas mais sustentáveis (Pietrulla, 2022).

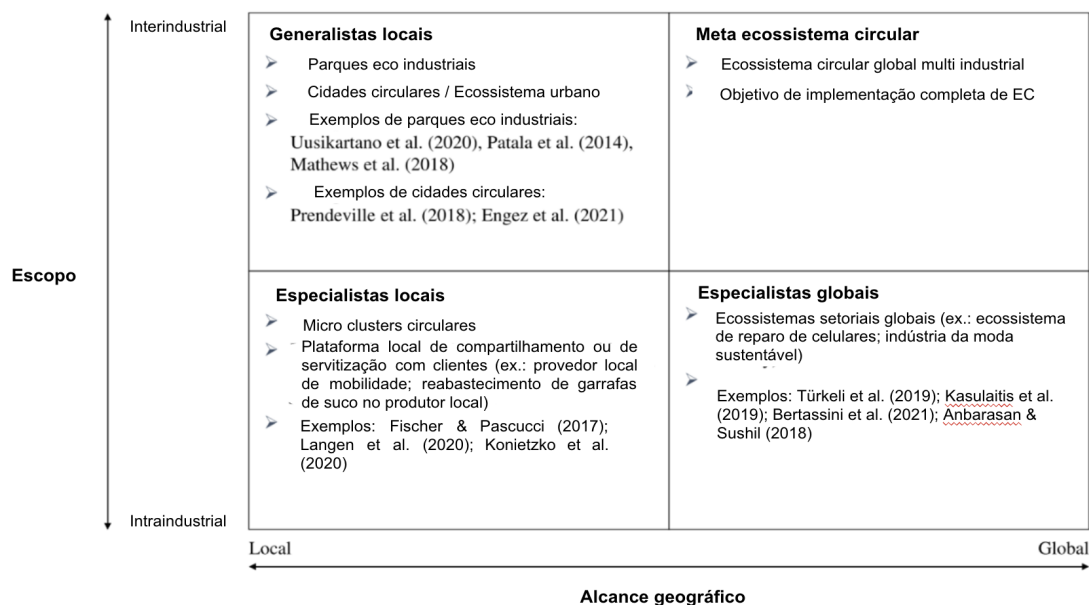
Os Ecossistemas Circulares Locais e Inter-Industriais são aqueles que também estão geograficamente restritos, porém envolvem atores de setores industriais distintos. Dentro desta categoria, Pietrulla (2022) identifica dois arquétipos principais: os parques ecoindustriais e as cidades circulares. Os parques ecoindustriais são caracterizados pela colaboração interempresarial, com foco em estratégias *business-to-business* para maximizar o uso eficiente de recursos dentro de uma área limitada. Já as cidades circulares enfatizam a produção coletiva e integrada de serviços urbanos sustentáveis, promovendo a colaboração entre diferentes setores para melhorar a qualidade de vida urbana de maneira sustentável.

Ecossistemas Circulares Globais e Intra-Industriais caracterizam-se por um alcance geográfico mais amplo, envolvendo múltiplos países ou regiões internacionais, embora ainda restritos a atores de um mesmo setor. A principal diferença em relação ao modelo local intra-industrial está na complexidade da gestão, geralmente relacionada ao gerenciamento e à coordenação de cadeias de suprimentos internacionais. Nesses casos, o foco reside na otimização e sustentabilidade das operações ao longo de toda a cadeia produtiva, enfrentando desafios adicionais relacionados à logística e à regulação internacional (Pietrulla, 2022).

Por último, os Ecossistemas Circulares Globais e Inter-Industriais constituem o modelo mais complexo. Estes ecossistemas combinam uma abrangência geográfica global com a participação ativa de atores pertencentes a diferentes setores industriais. A colaboração nesses arranjos é marcada por altos níveis de integração, envolvendo diversas empresas, *stakeholders* e atores institucionais de variadas indústrias e países (Pietrulla, 2022).

Essa categorização contribui para uma compreensão mais precisa das diferentes configurações que ecossistemas circulares podem assumir, destacando desafios específicos relacionados à gestão de materiais, governança e integração tecnológica (Pietrulla, 2022). A categorização feita pelo autor pode ser observada na Figura 2.

Figura 2 - Classificação para Ecosistemas Circulares



Fonte: Adaptado de Pietrulla (2022).

Segundo Asgari e Asgari (2021), a transição para ecossistemas circulares depende de três elementos fundamentais: a existência de cadeias de valor circulares, a adoção de práticas alinhadas à circularidade por todos os agentes do ecossistema e a atuação de organizações intermediárias e facilitadoras, responsáveis por funções como monitoramento, regulação, desenvolvimento e capacitação dos atores envolvidos.

A formação de ecossistemas circulares surge da colaboração entre diferentes atores, no entanto, as divergências nas expectativas, nas propostas de valor e nos objetivos dos participantes podem representar barreiras significativas para a viabilidade e sustentabilidade desses ecossistemas no longo prazo (Moggi; Dameri, 2021). As interdependências complexas entre os membros representam outro grande desafio, pois o sucesso de uma inovação dentro do ecossistema depende diretamente do sucesso das inovações dos demais participantes, tornando as escolhas interorganizacionais altamente sensíveis e impactantes para o desempenho coletivo (Adner; Feiler, 2019; Burford; Shipilov; Furr, 2022).

Outro desafio é a ausência de atores-chave, que pode inviabilizar o funcionamento do ecossistema circular, evidenciando que a capacidade de atrair e reter novos participantes é um fator crítico para garantir legitimidade e continuidade das atividades circulares (Trevisan et al., 2022). Soma-se a isso a necessidade de que os membros desenvolvam capacidades dinâmicas específicas, tanto para responder

à escassez de recursos materiais quanto para se adaptar às mudanças nos contextos de mercado e nas demandas sociais, sendo essa adaptabilidade uma condição fundamental para a resiliência e a evolução dos ecossistemas circulares (Trevisan et al., 2022). Apesar dos avanços na compreensão dos elementos que favorecem o surgimento desses ecossistemas (Gomes et al., 2024; Trevisan et al., 2022), ainda há lacunas na literatura sobre como as organizações desenvolvem capacidades colaborativas capazes de gerar relações de ganho mútuo e viabilizar a consolidação efetiva dos ecossistemas circulares (Castillo-Ospina et al., 2025).

2.3.1 Drivers do ecossistema circular

A partir da análise dos 12 artigos selecionados na primeira pergunta de pesquisa da Revisão Sistemática da Literatura, foi possível identificar um conjunto de categorias que agrupam os principais *drivers* que viabilizam a formação, manutenção e consolidação de ecossistemas circulares. As categorias são: Governança e Orquestração; Integração e Relacionamento; Capacidades de Inovação e Aprendizagem; Infraestrutura e Recursos; *Drivers* Econômicos e de Mercado; *Drivers* Culturais e Comportamentais; e *Drivers* Institucionais e Regulatórios. O resultado dessa consolidação pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 - Síntese dos fatores habilitadores de ecossistemas circulares

Categoria	Drivers	Descrição	Autores
1. Governança e Orquestração	Construção da Governança Circular; Internalização da Competência de Governança; Definição de Papéis; Mecanismos de Coordenação; Gestão da Configuração Circular	Mecanismos que garantem a coordenação, definição de papéis, regras, alinhamento e governança colaborativa.	Gomes et al. (2024); Aryee (2024); Gomes et al. (2023)
2. Integração e Relacionamento	Afiliação; Interdependência; Complementaridade; Nutrir Interdependência; Promover Integração Circular; Plataforma de Informação	Fatores que fortalecem a conexão entre os atores, fomentando interdependência, complementaridade e redes.	Gomes et al. (2024); Aryee (2024); Gomes et al. (2023)
3. Capacidades de Inovação e Aprendizado	Práticas de Inovação Circular; Desafios de Inovação Aberta; Programas de Aceleração; Disseminação de conhecimento; Co-experimentação; Prototipagem de Soluções; Mentoria	<i>Drivers</i> que estimulam experimentação, desenvolvimento de soluções, compartilhamento de conhecimento e aprendizagem coletiva.	Gomes et al. (2024); Aryee (2024); Asgari e Asgari (2021)
4. Infraestrutura e Recursos	Plataformas Digitais; Plataformas de dados abertos; Infraestrutura de Suporte; Compartilhamento de Ativos; Investimentos Conjuntos	Elementos físicos, digitais e financeiros que viabilizam a operação do ecossistema.	Gomes et al. (2024); Gomes et al. (2023); Asgari e Asgari (2021); DiVito et al. (2025)
5. Fatores Econômicos e de Mercado	Redução de Custos; Maximização de Recursos; Recuperação de Valor; Novas Oportunidades de Negócio; Ganhos Financeiros Indiretos; Modelos de Negócio Circulares	Fatores econômicos que tornam o ecossistema viável e competitivo.	Asgari e Asgari (2021); Ometto et al. (2025)
6. Fatores Culturais e Comportamentais	Consciência Ambiental; Engajamento do Cliente; Marketing Digital para Circularidade; Comportamento Circular do Cliente	Aspectos relacionados a mudanças no comportamento dos consumidores e dos atores do ecossistema.	Asgari e Asgari (2021); Ometto et al. (2025)
7. Fatores Institucionais e Regulatórios	Incentivos Governamentais; Incentivos Ambientais; Normas e Arquitetura da Indústria; Padronização de Dados; Legislações e Certificações	Fatores externos, como políticas públicas, normas e incentivos, que criam condições para o ecossistema emergir.	Aryee (2024); Ometto et al. (2025); DiVito et al. (2025)

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Os *drivers* são fatores que facilitam a existência, o funcionamento e a sustentação dos ecossistemas circulares, atuando como elementos que viabilizam a colaboração, o compartilhamento de recursos e a geração de valor entre os atores (Barquete et al., 2022). De acordo com Gomes et al. (2024), esses *drivers* podem ser agrupados em quatro grandes categorias: afiliação, interdependência, alinhamento e engenharia do ecossistema. Cada uma dessas categorias reúne mecanismos que contribuem para estruturar, coordenar e sustentar os fluxos, as conexões e as

atividades dentro dos ecossistemas circulares, promovendo a criação de ciclos de valor (Gomes et al., 2024).

Para que um ecossistema circular se mantenha funcional, é necessário contar com mecanismos que favoreçam tanto a entrada de novos parceiros quanto a construção de relações sólidas entre os membros (Gomes et al., 2024). Nesse sentido, práticas como hubs de inovação, desafios de inovação aberta, programas de aceleração e a atuação de gestores de comunidade são identificadas como *drivers* fundamentais para fortalecer conexões, fomentar a cooperação e permitir que os diferentes agentes atuem de forma integrada (Gomes et al., 2024). De forma convergente, Aryee (2024) reforça que a definição de papéis claros, a construção de complementaridades e o desenvolvimento de mecanismos de governança são elementos essenciais para estruturar as relações e garantir o funcionamento dos ecossistemas circulares.

Outros autores complementam essa perspectiva, destacando a importância de fatores que atuam tanto no ambiente interno dos ecossistemas quanto no seu entorno institucional (Asgari; Asgari, 2021; DiVito et al., 2025; Ometto et al., 2025). Segundo Asgari e Asgari (2021), *drivers* como compartilhamento de ativos, investimentos conjuntos, acesso a fluxos de resíduos, bem como a oferta de programas de mentoria, coaching e capacitação, são fundamentais para sustentar a dinâmica colaborativa dos ecossistemas. Além disso, elementos como incentivos governamentais, padronização de dados e entendimento das normas setoriais são destacados como facilitadores externos que criam um ambiente propício para a adoção de práticas circulares, fortalecendo os vínculos entre os atores e viabilizando a implementação de modelos circulares em larga escala (DiVito et al., 2025; Ometto et al., 2025).

Cabe também destacar que existem fatores econômicos relacionados à viabilidade financeira e à atratividade de modelos circulares, destacando-se fatores como redução de custos, maximização de recursos, recuperação de valor, novas oportunidades de negócio, ganhos financeiros indiretos e modelos de negócio circulares (Asgari; Asgari, 2021; Ometto et al., 2025). Esses fatores funcionam como incentivos para que empresas adotem práticas circulares, tornando o ecossistema competitivo e sustentável do ponto de vista econômico (Asgari; Asgari, 2021). Além disso, fatores culturais e comportamentais também são relevantes para a formação de ecossistemas circulares, abrangendo aspectos como consciência ambiental,

engajamento do cliente, marketing digital para circularidade e comportamento circular do consumidor (Asgari; Asgari, 2021; Ometto et al., 2025)

2.3.2 *Frameworks de Ecossistemas Circulares*

Um *framework* pode ser definido como uma estrutura conceitual que organiza ideias, categorias e relações de forma sistemática, oferecendo um modelo para análise e para a proposição de soluções (Jabareen, 2009). Na literatura sobre ecossistemas de negócios e ecossistemas circulares, os *frameworks* assumem papel central ao orientar como os atores devem se articular, quais fluxos precisam ser estabelecidos e quais práticas devem ser adotadas para garantir a geração e a captura de valor coletivo (Castillo-Ospina et al., 2025; Gomes et al., 2024). Essas estruturas são fundamentais para mapear as interdependências e as complementaridades entre os atores de um ecossistema (Adner, 2017), além de realizarem o papel de definição das relações de não hierarquia, das atividades necessárias e da proposta de valor compartilhada (Jacobides; Cennamo; Gawer, 2018).

No contexto da economia circular, os *frameworks* não apenas descrevem as interações entre os participantes, mas também atuam como instrumentos estratégicos para viabilizar a operacionalização da circularidade, promovendo alinhamento, governança e coordenação entre os diferentes agentes que compõem o ecossistema (Kanda; Geissdoerfer; Hjelm, 2021b; Rossi; Srai, 2024).

A estruturação de um ecossistema circular depende de 5 elementos: o valor, os atores, o fluxo de materiais e dados, as atividades e estratégias circulares, e a governança (Trevisan et al., 2022). O conceito de valor se destaca como o elemento central dentro de um ecossistema circular, pois é a base que orienta sua dinâmica. Ele inclui a definição de uma proposta de valor alinhada à circularidade, como também a construção conjunta desse valor entre os atores, sua captura de forma compartilhada e a geração contínua de valor por meio de diferentes ciclos dentro do próprio ecossistema (Trevisan et al., 2022). A proposta de valor, especificamente, é descrita na literatura da seguinte maneira:

[...] a proposta de valor em um ecossistema circular é definida coletivamente pelos atores e busca viabilizar a circularidade dos recursos. O objetivo é gerar benefícios econômicos, ambientais e, em alguns casos, sociais para todos os participantes do ecossistema (Trevisan et al., 2022a).

Os atores do ecossistema, por sua vez, são diversos e heterogêneos, incluindo empresas, cooperativas, universidades, ONGs e órgãos governamentais, cuja interação é essencial para a sustentabilidade do sistema (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020; Trevisan et al., 2022). Essa diversidade permite desempenhar funções complementares que viabilizam os ciclos circulares (Tate et al., 2019), para isso é importante realizar um alinhamento de interesses entre as partes, tanto dos objetivos individuais quanto coletivos (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020).

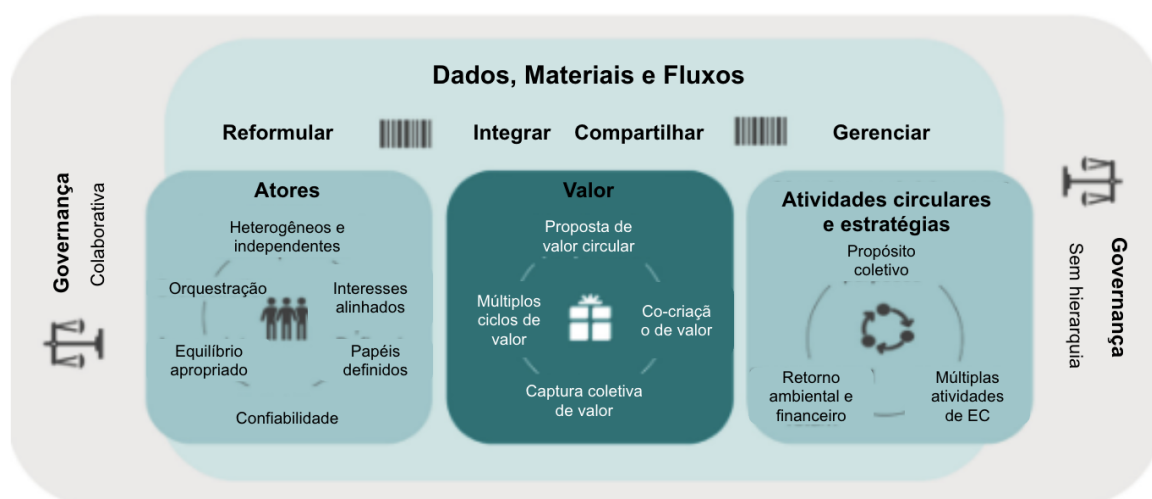
Entre os elementos estruturantes dos ecossistemas circulares, os fluxos de materiais e informações demandam, primeiramente, uma ressignificação no uso dos recursos, buscando alternativas que maximizem a circulação de materiais e dados (Hakanen; Rajala, 2018; Konietzko; Bocken; Hultink, 2020). Além disso, ao integrar dados de diferentes fontes é possível oferecer uma visão ampla do ecossistema e favorecer sinergias (Trevisan et al., 2022). Por fim, a gestão eficiente desses fluxos, aliada ao uso de plataformas digitais, fortalece a tomada de decisão, a cocriação de valor e a construção de confiança entre os atores (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020; Trevisan et al., 2022).

As atividades e estratégias circulares implementadas nos ecossistemas vão além da simples reciclagem, incluindo práticas que prolongam o ciclo de vida dos produtos, tais como reuso, remanufatura, compartilhamento, reparo e recuperação de materiais (Gomes et al., 2024; Trevisan et al., 2022). Essas estratégias devem focar em objetivos coletivos para atingir a efetividade do sistema, promovendo ganhos econômicos e ambientais simultaneamente (Trevisan et al., 2022).

Quanto à governança, os ecossistemas circulares devem adotar uma abordagem não hierárquica e colaborativa, em que um "orquestrador" desempenha o papel de coordenar interesses, definir padrões, gerir os fluxos e assegurar a adesão aos princípios da circularidade (Trevisan et al., 2022). Esse orquestrador pode ser uma empresa líder, órgão governamental ou plataforma digital especializada (Gomes et al., 2024; Parida et al., 2019; Pietrulla, 2022; Trevisan et al., 2022). Para garantir uma coordenação eficaz no ecossistema, é importante estabelecer um conjunto de regras que orientem e organizem as interações entre os atores, garantindo o alinhamento estratégico (Jacobides; Cennamo; Gawer, 2018). Essas regras podem ser definidas por entidades governamentais ou pelo próprio orquestrador do

ecossistema (Parida et al., 2019; Trevisan et al., 2022). O modelo proposto por Trevisan et al. (2022) pode ser observado na Figura 1.

Figura 3 - *Framework* conceitual de ecossistema circular.



Fonte: Adaptado de Trevisan et al. (2022).

Pietrulla (2022) propõe uma tipologia dos ecossistemas circulares baseada em dois eixos principais: alcance geográfico (local ou global) e escopo setorial (intraindustrial ou interindustrial). Essa classificação gera quatro tipos distintos de ecossistemas: locais e intraindustriais, locais e interindustriais, globais e intraindustriais e globais e interindustriais (Pietrulla, 2022).

Os Ecossistemas Circulares Locais e Intra-Industriais operam em regiões geograficamente delimitadas, reunindo atores que fazem parte de uma mesma indústria ou setor. Esses ecossistemas frequentemente assumem a forma de clusters industriais locais, nos quais as empresas cooperam para compartilhar serviços, recursos, infraestrutura e conhecimentos técnicos, promovendo ganhos de eficiência e práticas mais sustentáveis (Pietrulla, 2022).

Os Ecossistemas Circulares Locais e Inter-Industriais são aqueles que também estão geograficamente restritos, porém envolvem atores de setores industriais distintos. Dentro desta categoria, Pietrulla (2022) identifica dois arquétipos principais: os parques ecoindustriais e as cidades circulares. Os parques ecoindustriais são caracterizados pela colaboração interempresarial, com foco em estratégias *business-to-business* para maximizar o uso eficiente de recursos dentro de uma área limitada. Já as cidades circulares enfatizam a produção coletiva e integrada de serviços

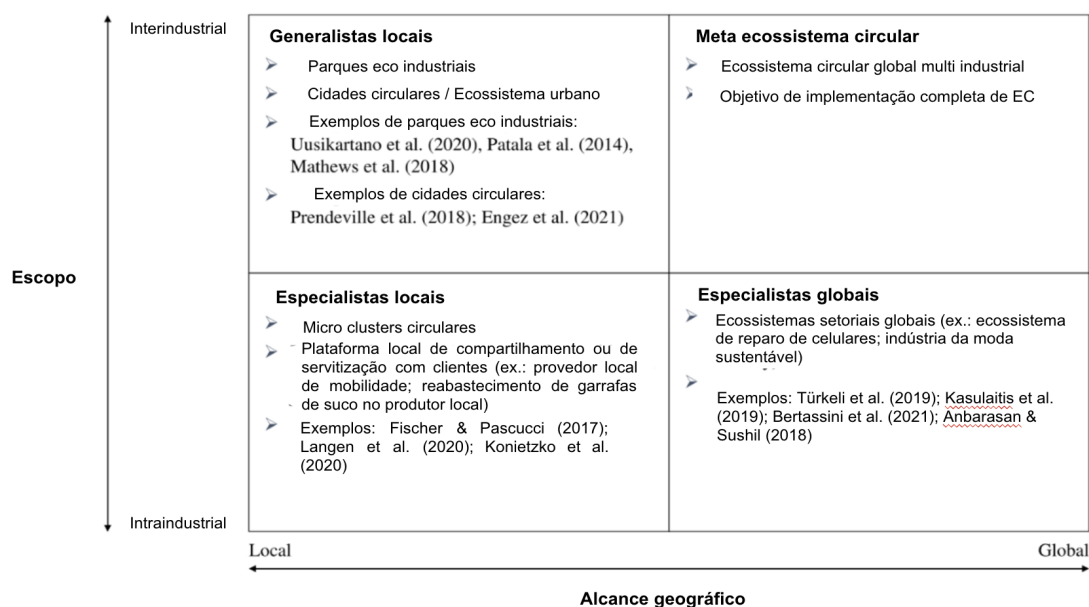
urbanos sustentáveis, promovendo a colaboração entre diferentes setores para melhorar a qualidade de vida urbana de maneira sustentável.

Ecossistemas Circulares Globais e Intra-Industriais caracterizam-se por um alcance geográfico mais amplo, envolvendo múltiplos países ou regiões internacionais, embora ainda restritos a atores de um mesmo setor. A principal diferença em relação ao modelo local intra-industrial está na complexidade da gestão, geralmente relacionada ao gerenciamento e à coordenação de cadeias de suprimentos internacionais. Nesses casos, o foco reside na otimização e sustentabilidade das operações ao longo de toda a cadeia produtiva, enfrentando desafios adicionais relacionados à logística e à regulação internacional (Pietrulla, 2022).

Por último, os Ecossistemas Circulares Globais e Inter-Industriais constituem o modelo mais complexo. Estes ecossistemas combinam uma abrangência geográfica global com a participação ativa de atores pertencentes a diferentes setores industriais. A colaboração nesses arranjos é marcada por altos níveis de integração, envolvendo diversas empresas, *stakeholders* e atores institucionais de variadas indústrias e países (Pietrulla, 2022).

Essa categorização contribui para uma compreensão mais precisa das diferentes configurações que ecossistemas circulares podem assumir, destacando desafios específicos relacionados à gestão de materiais, governança e integração tecnológica (Pietrulla, 2022). A categorização feita pelo autor pode ser observada na Figura 2.

Figura 4 - Classificação para Ecosistemas Circulares



Fonte: Adaptado de Pietrulla (2022).

Um outro exemplo robusto de *framework* aplicado à gestão de ecossistemas circulares é o modelo proposto por Castillo-Ospina et al. (2025), que foi desenvolvido a partir de um estudo de casos múltiplos com sete empresas orquestradoras de ecossistemas circulares em países emergentes. O *framework* foi construído com base na teoria das capacidades dinâmicas, que descrevem como as organizações percebem oportunidades, experimentam soluções e reconfiguram seus recursos e redes para promover inovações (Castillo-Ospina et al., 2025).

De acordo com os autores, a transição para ecossistemas circulares exige que as organizações desenvolvam quatro grandes categorias de capacidades dinâmicas: percepção de oportunidades (*sensing*), aproveitamento de oportunidades (*seizing*), reconfiguração (*reconfiguring*) e integração do ecossistema (*ecosystem integrating*) (Castillo-Ospina et al., 2025). Cada uma dessas capacidades é composta por microfundamentos, isto é, práticas, processos e competências que sustentam a construção, operacionalização e consolidação de ecossistemas baseados nos princípios da economia circular (Castillo-Ospina et al., 2025).

A primeira capacidade, denominada percepção de oportunidades, refere-se à habilidade da empresa em identificar oportunidades relacionadas à economia circular, mapear tendências de mercado, compreender as demandas dos consumidores e antecipar requisitos regulatórios, tecnológicos e ambientais. Envolve, ainda, o

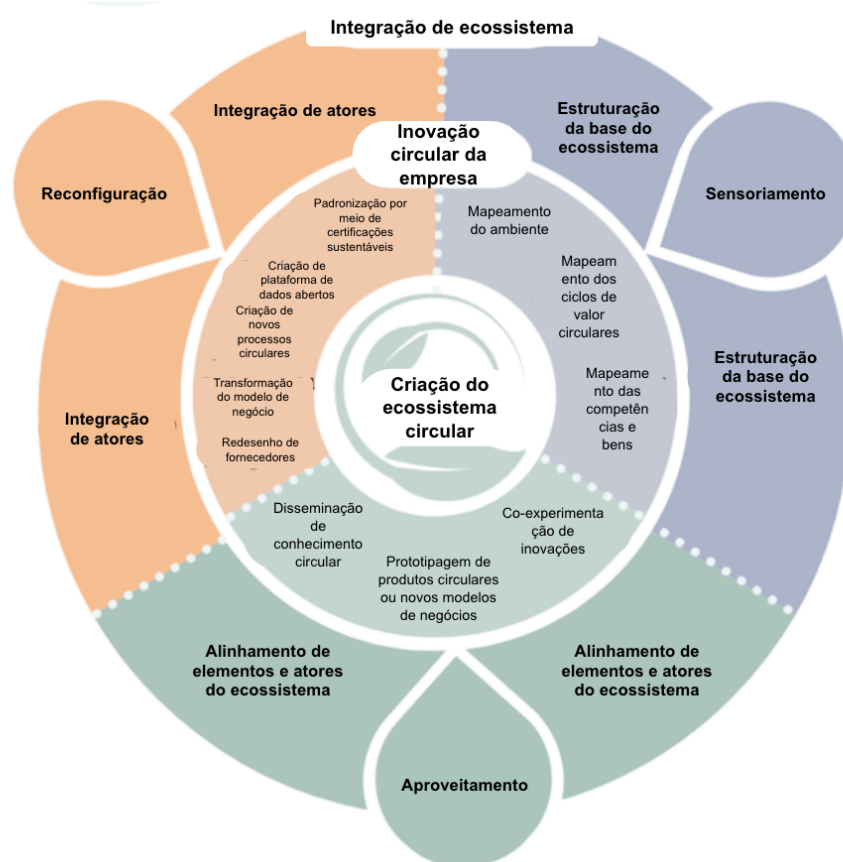
mapeamento de competências, tecnologias, atores estratégicos e ciclos de valor que podem ser convertidos em modelos circulares (Castillo-Ospina et al., 2025).

A segunda categoria, aproveitamento de oportunidades, diz respeito à capacidade de transformar as oportunidades mapeadas em soluções práticas, por meio do desenvolvimento de protótipos, projetos-piloto, experimentações e da cocriação com parceiros. Além disso, envolve a disseminação interna de conhecimentos sobre práticas circulares, preparando a organização para adoção e escalabilidade das soluções (Castillo-Ospina et al., 2025).

A seguir, a capacidade de reconfiguração está associada à necessidade de promover ajustes estruturais, tanto na organização quanto no ecossistema. Envolve a transformação dos modelos de negócios lineares em modelos circulares, o redesenho de processos produtivos e logísticos, a reestruturação da cadeia de suprimentos e, muitas vezes, a implementação de plataformas digitais para gestão colaborativa, rastreabilidade e compartilhamento de dados. Também inclui a definição de padrões e certificações que asseguram práticas alinhadas à sustentabilidade (Castillo-Ospina et al., 2025).

Por fim, os autores destacam a capacidade de integração do ecossistema, uma competência que se diferencia dos modelos tradicionais de capacidades dinâmicas voltados apenas para a organização. Essa capacidade envolve a estruturação da base do ecossistema, definição dos papéis de cada ator, alinhamento dos fluxos de materiais, informações e valor, além da promoção de relações de confiança, colaboração e governança entre os participantes. Seu desenvolvimento é importante para que as empresas assumam o papel de orquestradoras do ecossistema, criando sinergias e fortalecendo os vínculos entre os diferentes agentes (Castillo-Ospina et al., 2025). O *framework* proposto por Castillo-Ospina et al. (2025) pode ser observado na Figura 3.

Figura 5 - *Framework* de transição para ecossistema circular



Fonte: Adaptado de Castillo-Ospina et al. (2025).

Os *frameworks* estudados foram organizados em uma tabela comparativa, visando facilitar a visualização de seus propósitos e estruturas. Cada modelo foi classificado segundo seu objetivo central, seja a conceitualização de ecossistemas circulares, a definição de uma estrutura elementar, a formação de ecossistemas circulares, a gestão ativa de suas dinâmicas, ou a orquestração entre ecossistemas. Assim, o Quadro 2 oferece uma visão sintética e didática dos principais instrumentos teóricos disponíveis para apoiar o desenvolvimento de ecossistemas circulares na moda.

Quadro 2 - Síntese dos *frameworks* de ecossistemas circulares

Foco do Framework	Descrição	Autores
1. Conceitualização de ecossistema circular	Modelo que unifica princípios, fatores habilitadores e beneficiários, com a meta de oferecer uma visão clara e aplicável dos elementos estruturais e dos papéis necessários para atingir desempenho econômico, social e ambiental.	Aryee (2024)
2. Estrutura elementar de ecossistema circular	Organiza um ecossistema circular em cinco componentes-chave com o objetivo de mapear a proposta de valor compartilhado, definir papéis e interdependências, gerenciar recursos e atividades circulares e assegurar mecanismos de coordenação eficientes.	Trevisan et al. (2021)
3. Formação de ecossistema circulares	Propõe um processo em quatro estágios, cujo objetivo é capacitar empresas-foco a identificar oportunidades circulares, testar soluções inovadoras, realocar recursos internos e, por fim, articular uma governança colaborativa, resultando num ecossistema integrado e resiliente.	Castillo-Ospina et al. (2025)
4. Gestão ativa de ecossistema circulares	Define quatro subprocessos com o propósito de estruturar regras, fortalecer vínculos, coordenar fluxos de materiais/informação e gerar sinergias de valor, visando orquestrar de forma eficiente a dinâmica colaborativa entre todos os atores do ecossistema.	Gomes et al. (2023)
5. Orquestração entre ecossistemas	Desenha uma estratégia de convergência entre três ecossistemas (inovação, empreendedorismo e indústria), destacando o papel dos orquestradores na coordenação de atores, na gestão de tensões e no alinhamento de fluxos de recursos, para acelerar a emergência de práticas circulares integradas e sustentáveis.	DiVito et al. (2025)

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

2.3.3 Ecossistemas Circulares da Moda

No contexto da moda, o ecossistema circular busca substituir a lógica linear de "pegar-fazer-usar-descartar" pela lógica de "fazer-refazer-usar-devolver" (Parida et al., 2019). Em seu núcleo estão os fluxos físicos de materiais, que conectam e articulam os diferentes participantes do ecossistema, tanto em circuitos fechados — nos quais os materiais são recuperados após o consumo e reintroduzidos na mesma cadeia de suprimentos — quanto em circuitos abertos, nos quais os materiais transitam de uma cadeia para outra (Batista et al., 2018).

Na indústria têxtil, o ecossistema envolve uma diversidade de organizações, como instituições de caridade, administrações municipais, varejistas locais e globais com orientação à sustentabilidade e fins lucrativos, além de empresas voltadas ao comércio, como intermediários e firmas especializadas em triagem/classificação

(Brooks, 2013; O'Reilly; Kumar, 2016; Sandberg et al., 2018). Cada ator desempenha funções complementares na coleta, processamento e redistribuição das roupas pós-consumo, compondo um sistema dinâmico que ultrapassa fronteiras organizacionais (Brooks, 2013; O'Reilly; Kumar, 2016; Sandberg et al., 2018).

Já os consumidores passam a exercer um papel duplo no ecossistema circular da moda, atuando simultaneamente como clientes e como fornecedores de roupas usadas para diferentes elos da cadeia de suprimentos (Sandberg, 2023). Essa reconfiguração converte a relação tradicional fornecedor–cliente em uma dinâmica circular e bidirecional e constitui uma mudança relevante para as práticas de economia circular, ao viabilizar o fechamento dos ciclos por meio do aporte de volume e qualidade nas atividades de coleta (Sandberg, 2023).

Como exemplo aplicado ao ecossistema circular da moda, o estudo de Sandberg (2023) analisou uma grande varejista sueca e evidenciou seu papel como líder de ecossistema, ao desenvolver capacidades de orquestração para coordenar fluxos, engajar consumidores e estabelecer parcerias estratégicas. A pesquisa identificou três capacidades principais: gestão das ofertas circulares voltadas ao consumidor, como programas de fidelidade que incentivam doações e serviços de reparo; gestão das atividades de cadeia de suprimentos, incluindo a introdução de novos modelos de negócios circulares e a adoção de tecnologias de reciclagem; e desenvolvimento de parcerias, essenciais para estruturar redes colaborativas e garantir a escala das práticas circulares (Sandberg, 2023).

Os achados do estudo de Sandberg (2023) destacam que a transição para ecossistemas circulares da moda depende não apenas da existência de iniciativas isoladas, mas da capacidade de integrar recursos e alinhar objetivos entre diferentes atores. A colaboração interorganizacional e o engajamento do consumidor surgem, assim, como fatores críticos para consolidar modelos mais sustentáveis e competitivos (Sandberg, 2023).

2.4 INDÚSTRIA DA MODA

Este tópico apresenta uma contextualização da indústria da moda na perspectiva da economia circular, com ênfase no reuso de roupas. Na sequência, o tópico 2.4.1 aprofunda a análise dos atores responsáveis por promover esse reuso. Essa sistematização deriva da segunda pergunta da revisão sistemática da literatura,

“Quais são os principais atores envolvidos na etapa de reuso de roupas?”, sendo que a condução metodológica dessa etapa está descrita no tópico 3.2.1.

No contexto da moda, a circularidade ao final da vida útil dos produtos pode ser alcançada por meio de duas principais estratégias: a primeira envolve a recuperação de materiais por meio da reciclagem mecânica ou química, possibilitando seu reuso na fabricação de novos produtos; a segunda busca ampliar a vida útil das peças ao incentivar práticas como reuso, reparo e reconfiguração de roupas, abrangendo diferentes modelos de negócio, incluindo aluguel, troca, empréstimo e compra de peças de segunda mão (Encino-Munoz; Yilan, 2025).

O reuso consiste na continuidade do uso de um produto para sua função original por um novo proprietário (Muranko et al., 2021). Já a reciclagem refere-se ao aproveitamento das propriedades do material para a produção de um novo item (Ghoreishi; Bhandari; Franconi, 2022). Embora ambas as práticas sejam preferíveis ao descarte em aterro, a literatura destaca que o reuso tende a ser ambientalmente mais vantajoso, pois evita os impactos associados ao processo de reciclagem e contribui para a redução do ritmo de produção e consumo de novos produtos (Sandin; Peters, 2018).

No contexto da moda, o eixo de reuso e extensão da vida útil é aquele mais detalhado pela literatura recente, reunindo práticas que mantêm peças em circulação pelo maior tempo possível por meio de revenda, aluguel de roupas, plataformas digitais e programas de recolha (*take-back*) (Sandberg, 2023; Persson; Hinton, 2023).

A revenda/segunda mão configura o arranjo mais difundido: envolve brechós, lojas de consignação, butiques e concessões que revendem peças já usadas, com atividades de triagem, higienização, precificação e curadoria (Xu et al., 2014). Além de prolongar o uso, esse canal vem ganhando escala em diferentes formas organizacionais, desde negócios com fins lucrativos até arranjos voltados à justiça socioambiental, com implicações para governança e repartição de valor (Persson; Hinton, 2023).

As plataformas *online* operam tanto em modelos C2C (consumidor-para-consumidor) quanto B2C (empresa-para-consumidor), ampliando o encontro entre oferta e demanda de peças usadas e integrando-se, em muitos casos, a operações de lojas físicas (Persson; Hinton, 2023).

O aluguel de roupas e as chamadas “bibliotecas de roupas” também visam intensificar o uso e estender a vida útil por meio do compartilhamento em múltiplos

ciclos, mas dependem de capacidades de orquestração (limpeza, reparo leve, controle de qualidade, logística de ida e volta, gestão de parceiros) para serem operacionalmente e ambientalmente eficazes (Sandberg, 2023).

Por fim, programas de recolha captam peças indesejadas diretamente com os consumidores para reuso ou reciclagem. A literatura distingue formatos integrados à própria marca (caso de empresas que recolhem prioritariamente seus produtos, como UNIQLO, MUJI ou Patagonia) daqueles abertos (ex.: H&M e Zara), em que a coleta inclui outras marcas e, muitas vezes, os itens são canalizados a ONGs ou parceiros externos. Tais programas costumam oferecer incentivos (cupons, pontos de fidelidade) e têm efeitos esperados sobre redução de resíduos e reputação corporativa, embora variem quanto à efetiva reintegração dos têxteis nas cadeias produtivas (Chen; Tabata, 2024).

Em síntese, brechós e plataformas de segunda mão materializam o reuso como núcleo dos modelos de negócios circulares na moda; aluguel e “bibliotecas” funcionam como arranjos complementares de intensificação do uso e fechamento de ciclos, desde que suportados por capacidades operacionais adequadas (Sandberg, 2023; Persson; Hinton, 2023; Xu et al., 2014).

2.4.1 Atores da etapa de reuso de roupas

Os atores identificados foram classificados conforme sua natureza, como comerciais, sociais ou facilitadores, de modo a organizar e facilitar a compreensão de seus papéis e contribuições no ecossistema de reuso. O Quadro 3 sintetiza o resultado desta etapa, ao resumir os achados sobre os atores relacionados ao reuso de roupas.

Quadro 3 - Atores da etapa de reuso de roupas

Categoria	Atores	Descrição	Autores
Atores Comerciais	Brechós	Lojas físicas de segunda mão	Encino-Munoz & Yilan; Persson & Hinton; Encino-Munoz & Morone; Zanjirani Farahani et al.
	Plataformas online (C2C)	Venda online de roupas de consumidores para consumidores	Encino-Munoz & Morone; Zanjirani Farahani et al.
	Plataformas online (B2B)	Venda online de roupas de empresas para consumidores	Persson & Hinton; Zanjirani Farahani et al.
	Atacadistas de roupas usadas	Compram grandes volumes de roupas usadas e redistribuem para varejistas no mercado local ou internacional	Grüneisl; Persson & Hinton; Encino-Munoz & Morone;
	Empresas de Aluguel	Oferecem aluguel de roupas como alternativa ao consumo	Zanjirani Farahani et al.
	Varejistas	Marcas e varejistas que coletam roupas usadas para revenda	Encino-Munoz & Yilan; Shamsuzzaman et al.
Atores Sociais	Organizações de Caridade	Coletam, classificam e vendem ou doam roupas com fins sociais	Zanjirani Farahani et al.; Encino-Munoz & Morone; Persson & Hinton; Encino-Munoz & Yilan
	ONGs	Coletam e revendem roupas, promovem circularidade e mobilizam a sociedade	Persson & Hinton; Encino-Munoz & Morone; Encino-Munoz & Yilan; Shamsuzzaman et al.
Atores Facilitadores	Governo e órgãos regulamentadores	Criam políticas, regulações e incentivos para o reuso e a circularidade	Shamsuzzaman et al.; Encino-Munoz & Yilan; Mishra et al.; Encino-Munoz & Morone; Persson & Hinton
	Fornecedores de Serviços de Logística Reversa	Fazem coleta, transporte, triagem e distribuição de roupas usadas, muitas vezes em parceria com ONGs ou varejistas	Zanjirani Farahani et al.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Após seu primeiro ciclo de uso, as roupas podem seguir diferentes trajetórias dentro do sistema da economia circular, a depender a quem são destinadas (Encino-Munoz; Yilan, 2025). Uma das principais é a doação para instituições de caridade e organizações sociais, que realizam a triagem e destinam os itens para doação, revenda local, exportação ou, quando sem condições de reaproveitamento, para descarte (Persson; Hinton, 2023b; Zanjirani Farahani; Asgari; Van Wassenhove, 2022).

Outra possibilidade é o repasse direto entre consumidores, viabilizado por meio de plataformas digitais *Consumer-to-Consumer* (C2C), que permitem tanto o aluguel quanto compra e venda de roupas usadas entre indivíduos, como a plataforma brasileira Enjoei (Paula, 2018; Persson; Hinton, 2023b; Zanjirani Farahani; Asgari; Van

Wassenhove, 2022). Além disso, há os brechós comerciais, tanto físicos quanto online, que operam no modelo tradicional de compra e revenda de peças de segunda mão (Zanjirani Farahani; Asgari; Van Wassenhove, 2022).

De maneira semelhante, existem as plataformas *Business to Consumer* (B2C) onde empresas adquirem roupas usadas e as revendem para novos consumidores (Persson; Hinton, 2023b; Zanjirani Farahani; Asgari; Van Wassenhove, 2022). Um fluxo de grande relevância nesse sentido é aquele operado por varejistas e marcas que implementam programas de devolução e recompra de roupas usadas. As roupas retornadas passam por triagem e, se estiverem em condições adequadas, são destinadas à recomercialização em plataformas próprias de segunda mão ou em seções específicas dentro das lojas (Encino-Munoz; Yilan, 2025; Shamsuzzaman et al., 2025).

O mercado de roupas usadas também é sustentado por um elo de atacadistas, que compram grandes volumes de roupas, que muitas vezes são provenientes de instituições de caridade ou centros de triagem e as redistribuem para mercados locais ou internacionais, especialmente no Sul Global (Encino-Munoz; Morone, 2023; Grüneisl, 2025; Persson; Hinton, 2023).

Outros atores aparecem na literatura como facilitadores da circularidade das roupas (Shamsuzzaman et al., 2025). Um exemplo são fornecedores de serviços de logística reversa, como a empresa britânica *Charity Fleetcare*, que oferece soluções logísticas específicas para o setor de caridade. Essa empresa atua na modernização da gestão de frotas e na otimização das operações logísticas de instituições de caridade, viabilizando atividades como o recebimento de pedidos de coleta online, consolidação de coletas e transporte de roupas descartadas pelos doadores (Zanjirani Farahani; Asgari; Van Wassenhove, 2022).

Governos e órgãos regulamentadores também possuem um papel importante, uma vez que são responsáveis pela criação de políticas, regulamentações e incentivos econômicos que promovem e viabilizam o reuso e a circularidade (Encino-Munoz; Yilan, 2025; Mishra; Jain; Malhotra, 2020; Shamsuzzaman et al., 2025).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve o desenho metodológico do estudo, iniciando pela classificação da pesquisa, e prosseguindo com a apresentação das etapas do percurso metodológico. Em seguida, cada etapa é detalhada em subseções próprias, nas quais são explicitados os métodos utilizados, os procedimentos de coleta e análise, os critérios de seleção e as entregas correspondentes.

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

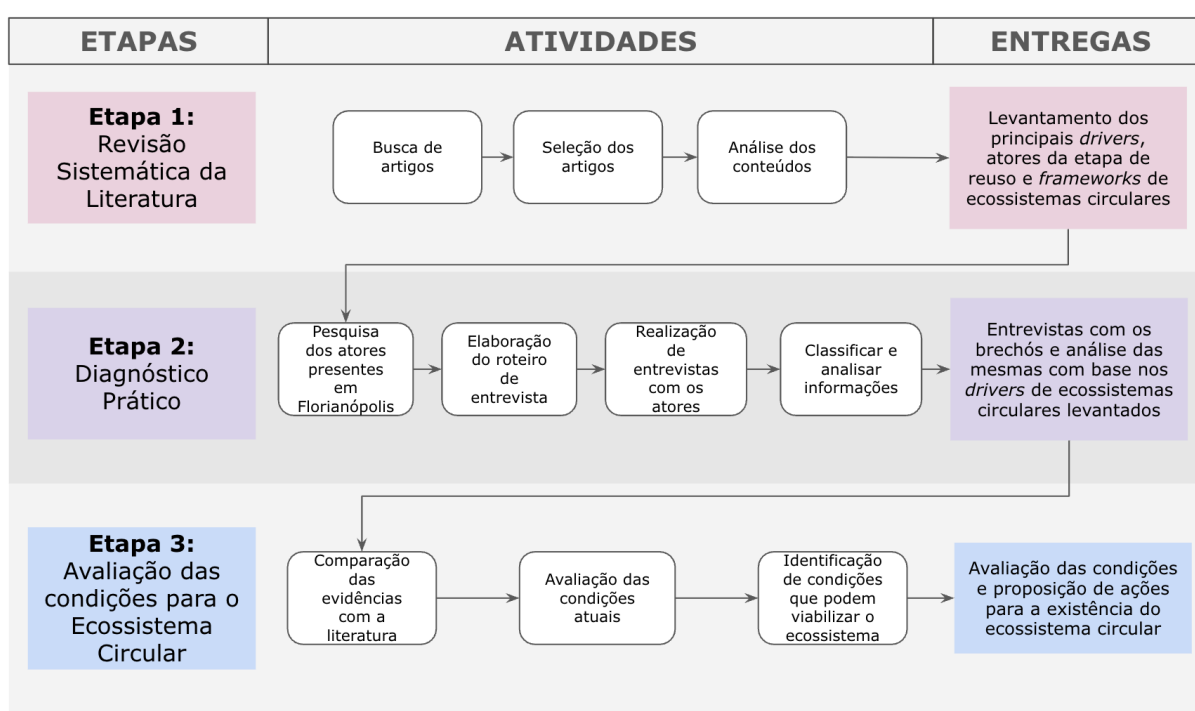
Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório-descritivo, voltada a compreender quais ações podem viabilizar a formação de um ecossistema circular entre brechós e demais atores do reuso de roupas em Florianópolis. Conforme Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa é indicada quando se pretende examinar em profundidade fenômenos não quantificáveis, considerando valores, motivações e percepções dos envolvidos. Quanto à finalidade, trata-se de pesquisa aplicada, pois busca produzir conhecimento útil para orientar práticas no setor, oferecendo subsídios para ações e iniciativas que favoreçam a emergência de um arranjo colaborativo de circularidade.

Quanto aos procedimentos técnicos, a investigação iniciou-se com uma revisão sistemática da literatura nas bases Scopus e Web of Science, com levantamento, seleção e análise crítica de trabalhos para sintetizar fatores habilitadores (*drivers*) e *frameworks* de ecossistemas circulares, bem como mapear os atores mais comuns no contexto de reuso. Em seguida, realizou-se uma pesquisa exploratória por meio de sites e aplicativos de localização para identificação de brechós na área delimitada. A coleta de informações deu-se por entrevistas semiestruturadas com brechós, com roteiro fundamentado na literatura, a fim de avaliar a presença de fatores habilitadores, caracterizar o contexto local e compreender quais ações podem viabilizar a formação do ecossistema. A análise dos relatos foi qualitativa, orientada por categorias dedutivas derivadas da revisão, com codificação sistemática e comparação entre casos.

3.2 ETAPAS DA PESQUISA

As fases realizadas no trabalho foram divididas em 3 etapas, as quais juntas resultam na conclusão final. A primeira etapa é a Revisão Sistemática da Literatura, a segunda consiste em um diagnóstico prático e a terceira é a avaliação das condições e ações que podem viabilizar a formação de um ecossistema circular. Um resumo das etapas pode ser observado na Figura 4.

Figura 6 - Etapas da Pesquisa.



Fonte: elaborado pela autora (2025).

3.2.1 Etapa 1: Revisão Sistemática da Literatura

A primeira etapa metodológica desta pesquisa consistiu na realização de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL), com o objetivo de identificar, de forma estruturada e criteriosa, os principais elementos teóricos que serviram de base para as próximas etapas. A RSL foi escolhida por sua capacidade de garantir rigor metodológico, transparência no processo de seleção das fontes e aprofundamento analítico. Diferente de revisões narrativas, a RSL permite delimitar com clareza os critérios de inclusão e exclusão dos estudos, assegurando a consistência dos achados.

Com base nos objetivos específicos a) e b) apresentados no tópico 1.1.2, foram definidos três elementos da revisão teórica a serem explorados, com o intuito de subsidiar a elaboração do modelo de ecossistema circular:

- a) os principais *drivers* dos ecossistemas circulares;
- b) *frameworks* ou modelos estruturantes de ecossistemas circulares;
- c) os atores que compõem o ecossistema na etapa de reuso de roupas.

Desta forma, a revisão sistemática da literatura foi orientada para responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a) quais são os principais fatores e modelos teóricos que orientam e facilitam a formação de ecossistemas circulares;
- b) quais são os principais atores envolvidos na etapa de reuso de roupas.

A adoção de perguntas distintas justifica-se pela constatação, durante as buscas iniciais, de que há um número ainda reduzido de estudos que abordam simultaneamente os temas de ecossistemas circulares e moda. Buscas realizadas nas bases Scopus e Web of Science, utilizando os termos “*circular ecosystem*” e “*fashion*” nos campos de título, resumo, palavras-chave e tópico, resultaram em apenas quatro artigos únicos relevantes. Esse dado reforça a necessidade de ampliar o escopo da primeira pergunta para incluir estudos conceituais sobre ecossistemas circulares em diferentes setores, a fim de garantir uma base teórica mais completa. A segunda pergunta, por sua vez, mantém o foco no contexto específico da moda, considerando os objetivos aplicados da pesquisa.

Segundo Page et al. (2021), é metodologicamente válido estruturar uma revisão sistemática com múltiplas perguntas, desde que cada uma delas possua critérios de busca, seleção e análise claramente definidos. Essa estratégia permite contemplar tanto aspectos conceituais mais amplos quanto informações específicas aplicadas ao contexto da moda.

Com o objetivo de garantir clareza e reprodutibilidade no processo de busca, o Quadro 1 apresenta os termos utilizados para cada eixo da pesquisa. Os termos estão divididos pela pergunta que buscam responder, sendo que a combinação deles foi utilizada na pesquisa dentro de bases de dados.

Quadro 4 – Perguntas de pesquisa

Pergunta de Pesquisa	Eixo 1: Circularidade	Eixo 2: Termos específicos
Quais são os principais fatores e modelos teóricos que orientam e facilitam a formação de ecossistemas circulares?	"circular ecosystem" "circular economy ecosystem"	Modelo de colaboração: <i>framework, model, conceptual framework, theoretical model, reference model</i> Fatores impulsionadores: <i>driver, enabler, facilitators, success factors</i>
Quais são os principais atores envolvidos na etapa de reuso de roupas?	"circular economy" "circular ecosystem"	Moda: <i>fashion, clothing</i> Atores: <i>actors, stakeholders, participants, members e agents</i> Etapa de reuso: <i>second hand e reuse</i>

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Após a definição dos termos, foram realizadas duas buscas por estudos nas bases de dados Scopus e Web of Science, com o intuito de localizar publicações alinhadas ao objetivo desta etapa. A consulta foi conduzida em junho de 2025, sem limitação de datas. Como resultado, para a primeira pergunta foram encontrados 25 documentos na base Scopus e 21 no Web of Science.

Para garantir que os artigos selecionados tivessem aderência direta ao tema de ecossistemas circulares, foi adotado como critério que a expressão "*circular ecosystem*" estivesse presente no título do artigo. Essa decisão tem o objetivo de assegurar que o foco central do estudo seja, de fato, o conceito de ecossistemas circulares, e não apenas menções pontuais ao termo dentro de discussões mais amplas sobre economia circular. A *string* de pesquisa está disponível a seguir:

TITLE ("circular ecosystem" OR "circular economy ecosystem")

AND

TITLE-ABS-KEY (driver OR enabler OR framework OR model)

A segunda pergunta teve como resultado 37 documentos na base Scopus e 21 documentos no Web of Science. A *string* de pesquisa usada foi:

TITLE-ABS-KEY ("circular ecosystem" OR "circular economy") AND ("fashion" OR "clothing") AND ("actors" OR "stakeholders" OR "participants" OR "members" OR "agents") AND ("second hand" OR "reuse").

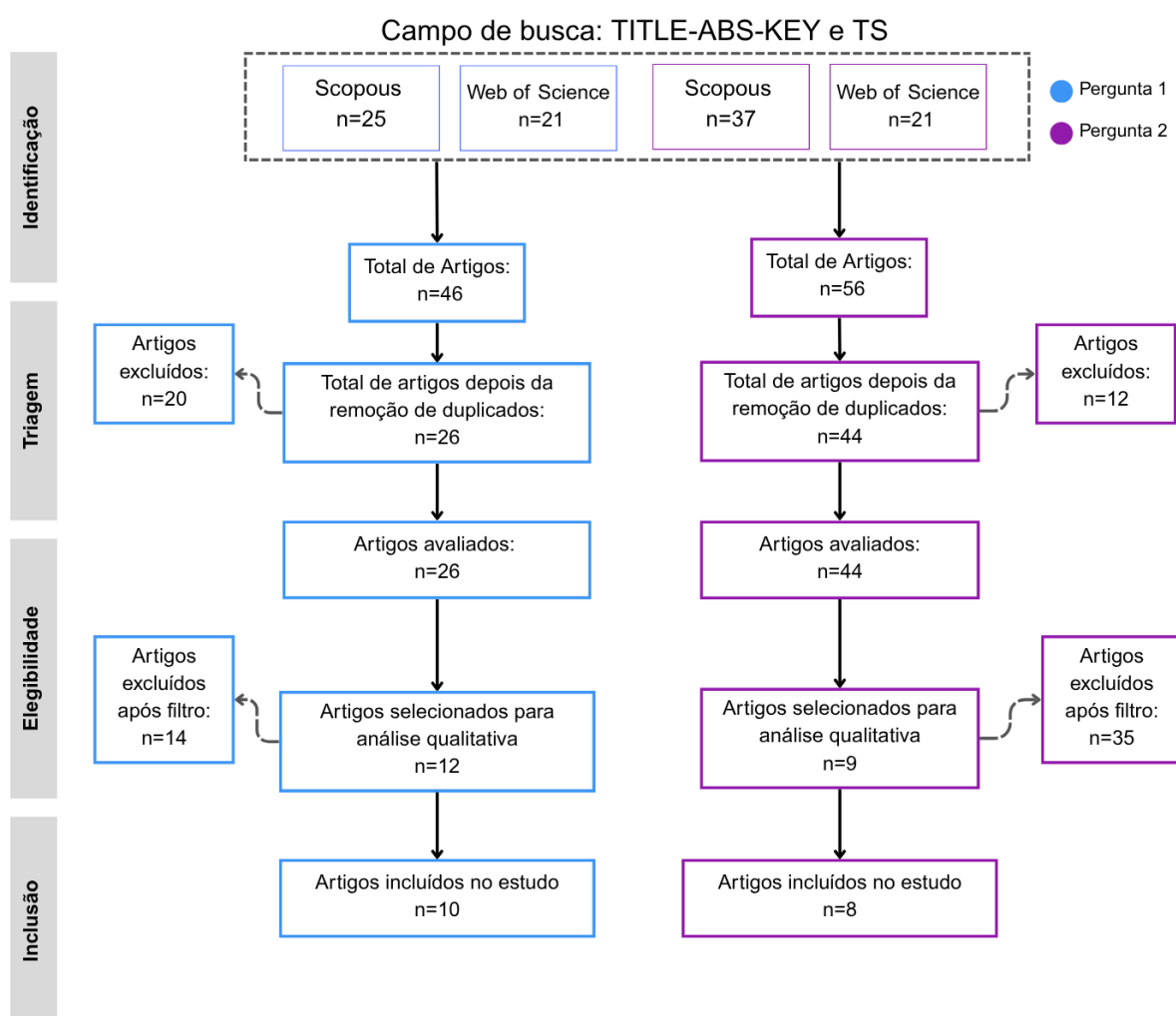
Em seguida, realizou-se a verificação de artigos duplicados, totalizando 26 publicações únicas para a primeira pergunta de pesquisa. A partir desse conjunto, foi feita a leitura dos resumos para aplicação do primeiro filtro de seleção.

Para a primeira pesquisa, foram mantidos apenas os estudos que abordavam diretamente *drivers* (ou termos equivalentes que indiquem fatores impulsionadores ou facilitadores) e/ou *frameworks* relacionados à estruturação de ecossistemas circulares. Trabalhos que não abordavam diretamente o conceito de ecossistemas circulares foram excluídos da análise, resultando em 12 artigos.

Quanto à segunda pesquisa, depois da remoção dos trabalhos duplicados chegou-se em 44 artigos. O filtro teve como critério de inclusão apenas os resumos que apresentavam, de forma direta ou implícita, a identificação dos atores que compõem os ecossistemas circulares ou a economia circular voltada ao reuso de roupas e ao segmento de segunda mão. Trabalhos que abordavam outros segmentos ou que tratavam do setor têxtil sem conexão com atores da etapa de reuso de roupas foram excluídos, finalmente obtendo nove artigos para análise.

Como resultado, os trabalhos selecionados foram analisados de acordo com objetivo de cada pergunta de pesquisa, e as informações coletadas foram adicionadas no capítulo de Revisão Teórica, dentro dos itens 2.3.1 e 2.3.2 para a pergunta de pesquisa um e do item 2.4.1 para a pergunta dois. O passo a passo seguido dentro desta etapa de pesquisa pode ser visto na Figura 5.

Figura 7 - Descrição da Revisão Sistemática da Literatura



Fonte: elaborado pela autora (2025).

3.2.2 Etapa 2: Diagnóstico Prático

A segunda etapa deste trabalho consistiu na realização de um diagnóstico prático. Para operacionalizar essa etapa, adotou-se um levantamento empírico em contexto real, entendido como investigação conduzida no próprio ambiente em que o caso ocorre, com uso de múltiplas fontes de informação (Yin, 2015) e abordagem qualitativa voltada a compreender significados e percepções dos participantes (Minayo, 1992). O objetivo foi mapear como os brechós de roupas se organizam em Florianópolis e identificar relações, desafios e oportunidades para a formação de um ecossistema circular local.

sua proposta de valor conforme o componente “Proposta de Valor” do *framework* de Trevisan et al. (2021) e os fatores culturais e de mercado identificados por Asgari e Asgari (2021) e Ometto et al. (2025)

A categoria 2 do roteiro de entrevista busca identificar quem faz o quê dentro do ecossistema de brechós, revelando tanto as atividades centrais do próprio gestor quanto a participação de fornecedores, cooperativas ou plataformas, de forma a mapear papéis formais e informais e as interdependências necessárias para a colaboração, em linha com o elemento “Atores” de Trevisan et al. (2021) e o processo de construção de governança colaborativa de Gomes et al. (2023)

A categoria 3 do roteiro de entrevista destina-se a diagnosticar as práticas correntes de colaboração e o fluxo de informações e materiais entre brechós, examinando canais de comunicação, compartilhamento de estoques e ações conjuntas que viabilizam o funcionamento integrado do sistema circular, conforme o *driver* de Integração e Relacionamento (Quadro 2) e os estágios de Reconfiguração e Integração do modelo de capacidades dinâmicas de Castillo-Ospina et al. (2025)

A categoria 4 do roteiro de entrevista tem o escopo de avaliar a existência ou ausência de estruturas formais de governança colaborativa, tais como acordos, contratos ou regras compartilhadas, de modo a entender como a falta de orquestração impacta a coordenação das atividades e a tomada de decisão coletiva, fundamentando-se nos *drivers* de Governança e Orquestração (Quadro 2) e no estágio de Integração de Ecossistemas de Castillo-Ospina et al. (2025)

A categoria 5 do roteiro de entrevista busca mapear os recursos e infraestruturas — tanto físicos (espaços de armazenamento, logística compartilhada) quanto digitais (sistemas de gestão, plataformas de e-commerce) — que são ou poderiam ser utilizados para fortalecer a operação conjunta dos brechós, apoiando-se no *driver* de Infraestrutura e Recursos (Quadro 2) e nos mecanismos de suporte de Gomes et al. (2023) e DiVito et al. (2025)

A categoria 6 do roteiro de entrevista tem por objetivo compreender quais estratégias operacionais — marketing digital sustentável, eventos colaborativos, políticas de consignação ou precificação — são consideradas prioritárias pelos gestores para viabilizar a cooperação e aumentar o valor percebido pelos clientes, ancorando-se nos *drivers* de Fatores Econômicos e de Mercado e de Fatores Culturais e Comportamentais (Quadro 2) e no componente “Atividades e Estratégias Circulares” de Trevisan et al. (2021) e Ometto et al. (2025)

Após a finalização do roteiro, procedeu-se ao agendamento das entrevistas, onde cada brechó da lista foi convidado a participar da pesquisa com uma mensagem padrão de apresentação informando o objetivo da entrevista. Os brechós foram contatados primeiro pelo *WhatsApp*, a partir do número de contato disponível na internet. Quando não responderam a primeira mensagem também foram buscados por meio do *Instagram*, de forma que todos os brechós encontrados receberam uma mensagem privada.

Partiu-se de uma lista de 28 brechós identificados no *Google Maps*. Quatro mostraram-se inativos (sem qualquer meio de contato), sendo excluídos da base de abordagem. Entre os 24 brechós contactáveis, 10 não responderam a nenhuma tentativa (41,7%), 5 responderam recusando participação (20,8%) e 9 responderam ao menos uma vez (37,5%). Desses nove, 3 pararam de responder às mensagens, mas 6 aceitaram realizar a entrevista (66,7% dos que responderam; 25,0% do total contatável), porém 5 entrevistas foram efetivamente concluídas, pois um participante interrompeu o contato antes da realização, resultando numa taxa de 20,8% de rendimento final. Todas as tentativas de contato com cada brechó encontram-se listadas no Apêndice C. Para preservar a privacidade, os nomes das lojas foram substituídos por identificadores (B01–B28) e a ordem original da lista foi alterada.

As entrevistas foram realizadas de forma *online*, por meio de ferramentas como o *Google Meet* para reuniões. Cada entrevista teve a duração média de 30 minutos, dependendo da extensão das respostas dos participantes.

Para a análise das entrevistas realizadas, adotou-se o *Framework Method* (Método de Estrutura de Análise), uma abordagem sistemática para a análise de dados qualitativos (Gale et al., 2013). Este método foi selecionado por sua capacidade de organizar e comparar dados de múltiplas fontes de forma transparente e rigorosa, sendo especialmente eficaz para análises temáticas que buscam identificar padrões entre diferentes casos (Gale et al., 2013). Como ferramenta de apoio foi utilizado o *software* MAXQDA, dedicado a análises qualitativas e de métodos mistos.

O método proposto por Gale et al. (2013) inicia-se com a transcrição dos dados, seguida pela familiarização do pesquisador com o conteúdo. A terceira etapa é a codificação, na qual rótulos são aplicados aos dados. A partir disso, desenvolve-se uma estrutura analítica, categorizando os códigos. Esta estrutura é então aplicada a todo o conjunto de dados na quinta etapa. A sexta etapa, central ao método, é o mapeamento e sumarização, onde os dados são organizados em uma matriz para

facilitar a comparação. Por fim, o processo culmina na interpretação dos dados, na qual os padrões são analisados para gerar conclusões que respondam à pergunta de pesquisa (Gale et al., 2013).

Na preparação e familiarização dos dados, todas as entrevistas gravadas foram transcritas integralmente, formando o corpus. Em seguida, procedeu-se à leitura atenta e repetida das transcrições para compreensão do conteúdo antes da codificação, com registro de observações iniciais em anotações de pesquisa.

A construção do quadro analítico teve base dedutiva, derivada da revisão já realizada: os sete fatores impulsionadores de ecossistemas circulares identificados na literatura foram definidos como categorias principais. Elaborou-se, no MAXQDA, um livro de códigos contendo definições operacionais, notas de inclusão e exclusão e exemplos, com o objetivo de orientar a aplicação uniforme dos códigos.

No piloto de codificação e refinamento, aplicou-se o quadro a duas entrevistas. Nessa etapa, categorias sem evidência foram excluídas; quando necessário, criaram-se subcódigos para captar padrões recorrentes não previstos; e ajustes de definição reduziram ambiguidades. Após esse teste, o livro de códigos foi estabilizado, conforme indicado para o método.

Com o livro de códigos estabilizado, realizou-se a codificação sistemática de todo o corpus no MAXQDA, vinculando trechos textuais às categorias e subcódigos. Concluída a codificação, procedeu-se ao mapeamento e à sumarização: para cada combinação brechó × *driver*, elaborou-se um resumo breve, ancorado nos segmentos codificados. Esses sumários compuseram as matrizes brechó × *driver*, utilizadas para resumir as evidências encontradas nas entrevistas ancoradas nos *drivers*.

Como apoios descritivos, foram gerados, no MAXQDA, um mapa de calor e um gráfico de frequências absolutas de segmentos por fator e por caso. As contagens foram usadas apenas como indicadores de incidência, mantendo-se a interpretação sustentada pelo conteúdo sintetizado na matriz brechó × *driver*.

3.2.3 Etapa 3: Análise das condições para o ecossistema circular a partir das entrevistas

A terceira etapa da pesquisa consistiu na análise das condições para a formação de um ecossistema circular da moda em Florianópolis e na identificação de ações voltadas ao fortalecimento dessas condições. Essa análise foi conduzida a

partir da confrontação entre as evidências empíricas obtidas nas entrevistas e os conceitos teóricos sobre ecossistemas circulares identificados na revisão sistemática da literatura, assegurando coerência entre o referencial teórico e as observações empíricas.

Primeiramente, cada *driver* identificado na revisão teórica foi confrontado com as evidências empíricas correspondentes. Para cada caso, analisou-se em que medida as práticas relatadas pelas gestoras dos brechós refletiam a presença ou ausência dos elementos propostos pela teoria. Nessa etapa, buscou-se explicitar os pontos de convergência entre teoria e prática, bem como os aspectos em que foram observadas lacunas ou oportunidades de aprimoramento.

Na sequência, foi realizada a classificação do nível de evidência de cada *driver* no contexto local, utilizando três categorias analíticas: ausente, quando não se verificaram evidências relacionadas ao *driver*; incipiente, quando apareceram sinais pontuais ou práticas isoladas; e presente, quando foram observadas práticas recorrentes e articuladas, compatíveis com o que a literatura descreve como elementos importantes para a existência de um ecossistema circular.

Após a análise por *drivers*, foi realizada uma interpretação complementar das evidências com base nos cinco elementos essenciais propostos por Trevisan et al. (2022) (valor, atores, fluxos, atividades e governança), com o objetivo de compreender de forma integrada como esses elementos se manifestam no contexto local e quais lacunas estruturais ainda limitam a consolidação do ecossistema.

Por fim, com base nas lacunas observadas, procedeu-se à identificação de ações que possam fortalecer as condições necessárias à formação do ecossistema circular, articulando cada proposta ao respectivo *driver* e elemento essencial de referência. Essa sistematização permitiu consolidar uma visão integrada das condições atuais e apontar caminhos práticos de avanço, orientados à superação das barreiras identificadas e à criação de um ambiente mais favorável à circularidade na moda em Florianópolis.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentam-se os resultados e discussões derivados das entrevistas e a análise das condições para a formação de um ecossistema circular entre brechós em Florianópolis. O item 4.1 reúne os resultados das entrevistas, em seguida o item 4.2 desenvolve a análise das condições, organizada pelos *drivers* e complementada pela leitura a partir dos elementos essenciais, e por último o item 4.3 traz a identificação de ações alinhadas às lacunas observadas.

4.1 RESULTADO DAS ENTREVISTAS

Esta seção apresenta os resultados empíricos das cinco entrevistas semiestruturadas realizadas com brechós locais, incluindo operações independentes e uma unidade franqueada. O objetivo é descrever, de forma clara, o contexto dos brechós entrevistados e como os *drivers* identificados na revisão da literatura se manifestam nos casos. A seguir é apresentada uma breve familiarização sobre cada um dos brechós entrevistados, com uma descrição sobre seu modelo de operação.

O brechó A funciona em modelo de franquia e foi inaugurado em agosto de 2023. Opera integralmente por consignação: as peças permanecem expostas por até três meses; se não houver venda, entram em liquidação (até 50%). Persistindo a não venda, a consignante é contatada para retirada ou doação. A curadoria é presencial e segue critérios de qualidade (higienização, ausência de avarias e aderência à estação/estilo da loja), com visitas domiciliares apenas excepcionais.

A operação utiliza sistema com aplicativo para consignantes, que permite acompanhar itens, vendas e status de liquidação; o pagamento é realizado no mês subsequente, e o aplicativo registra crédito para uso em compras na própria loja. Quanto aos canais de venda, prioriza grupo VIP no WhatsApp e Instagram (incluindo vendas à distância) mas as vendas acontecem mais presencialmente na loja.

O brechó B resulta da união operacional de dois brechós que iniciaram como lojas *online* em 2021 (Instagram e feiras) e migraram para loja física em 2023. O abastecimento é majoritariamente por compra/garimpo em asilos, instituições filantrópicas, igrejas e bazares, complementado por venda direta de clientes; doações são esporádicas. A operação é por compra (sem consignação rotineira) e a curadoria

seleciona peças conforme estado e perfil de público (com preferência por tamanhos maiores).

Para valorização de itens, realizam reforma leve quando há potencial (limpeza/revitalização; pequenos ajustes). Para giro de estoque, adotam liquidações e campanhas promocionais, como descontos periódicos e cesto promocional de R\$ 10, mantendo doações pontuais em situações específicas. Nos canais de venda, atuam de forma multicanal, com Grupo VIP no *WhatsApp* (postagens diárias), *Instagram* e presença em *marketplace*; o Google auxilia a atração de público à loja.

O brechó C opera desde 2020, predominantemente em consignação, sendo que o fluxo padrão prevê permanência de até três meses por peça; se não houver venda, aplica-se um desconto, persistindo a não venda (ou mudança de estação), realiza-se a devolução. A curadoria inicia por triagem de fotos via *WhatsApp* (mínimo de 10 peças; cadastro por lote com emissão de nota), seguida de avaliação presencial. Após a seleção, a equipe precifica com pesquisa de marca/mercado, envia proposta de repasse à consignante e, com aceite, etiqueta e disponibiliza as peças.

Quanto aos canais, atua de forma multicanal com loja física, *Instagram* e grupos de *WhatsApp*. Já tiveram site para venda das roupas, contudo o site foi desativado temporariamente por falta de uma pessoa para operá-lo. Em casos de itens fora de perfil ou não retirados após 10 dias na devolução, a loja encaminha para doação (mediante comunicação prévia).

O brechó D é uma operação familiar iniciada em 1990, sendo um dos mais antigos da cidade. Adota modelo de compra para revenda (não trabalha com consignação), com abastecimento majoritário via desapego de clientes e, de forma complementar, por lotes/seleção de marcas e outlets. A negociação costuma iniciar por *WhatsApp* e se concluir presencialmente, com avaliação e acordo de preço.

No giro de estoque, peças paradas ou com pequenos reparos seguem para cesto promocional de R\$ 10; itens sem condição de uso são descartados e, quando apropriado, há doações para instituições que retiram no local. A gestão considera riscos de material (por exemplo, poliuretano) já na precificação de compra. Nos canais, a operação é multicanal: *Instagram*, site (ativo há cerca de dois anos), *WhatsApp* e *TikTok*; a entrada no *online* ocorreu na pandemia, buscando autonomia de compra a qualquer horário.

O brechó E foi inaugurado em maio de 2019 e opera em modelo de consignação. O processo inicia com contato via *WhatsApp* (envio de fotos), porém a

curadoria é presencial e formalizada por contrato com a consignante. A precificação baseia-se em planilhas elaboradas por profissional de finanças e em referências de mercado, já as peças ficam até quatro meses em exposição. Itens não vendidos são devolvidos à proprietária (ou doação quando autorizada), e peças com avarias não são comercializadas.

A operação é sistematizada: cada consignante possui um código e o sistema integra estoque, vendas e finanças. A venda ocorre em quatro pontos de venda (site, *Instagram*, *WhatsApp* e loja física), com baixa automática para evitar duplicidade. Em marketing, não utiliza tráfego pago; investe em posicionamento no Google e pós-venda com solicitações de avaliações. O público predominante é feminino entre 30 e 65 anos, com expectativa de peças em excelente estado e aderência à proposta de moda consciente.

A etapa de codificação foi guiada pelo quadro de *drivers* sintetizado na revisão da literatura, que orientou a criação da lista de códigos. Cada entrevista foi lida integralmente e os trechos pertinentes foram associados aos *drivers* correspondentes, produzindo um conjunto comparável de evidências entre casos. O Quadro 2 apresenta a lista de categorias e respectivos códigos utilizados na codificação.

Quadro 5 - Códigos e Subcódigos utilizados

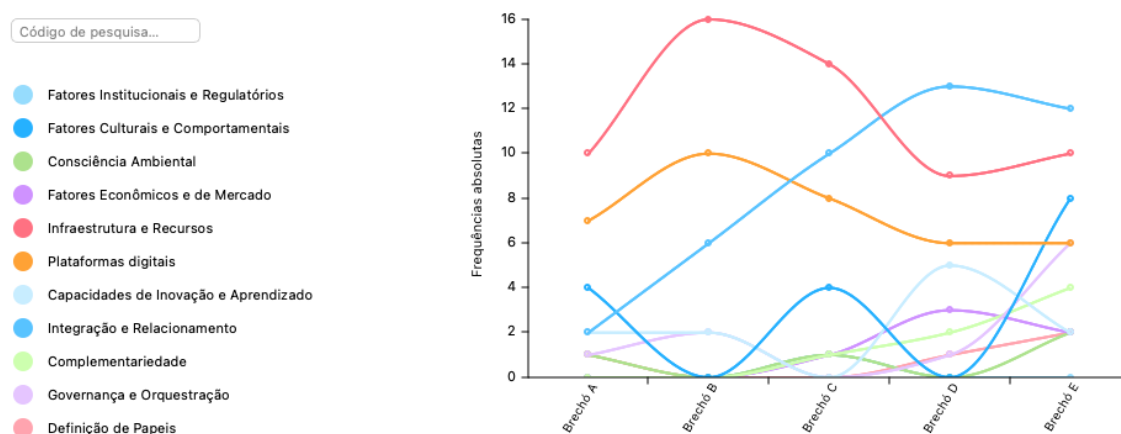
Categoria (driver)	Código	Subcódigo
1. <i>Governança e Orquestração</i>	Governança e Orquestração	Definição de Papéis
2. <i>Integração e Relacionamento</i>	Integração e Relacionamento	Complementariedade
3. <i>Capacidades de Inovação e Aprendizado</i>	Capacidades de Inovação e Aprendizado	-
4. <i>Infraestrutura e Recursos</i>	Infraestrutura e Recursos	Plataformas Digitais
5. <i>Fatores Econômicos e de Mercado</i>	Fatores Econômicos e de Mercado	-
6. <i>Fatores Culturais e Comportamentais</i>	Fatores Culturais e Comportamentais	Consciência Ambiental
7. <i>Fatores Institucionais e Regulatórios</i>	Fatores Institucionais e Regulatórios	-

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Concluída a codificação, os dados foram agregados no MAXQDA por caso × *driver*. As duas visualizações abaixo sintetizam os segmentos codificados (frequências absolutas) por entrevista: o Gráfico de Tendências (Figura 7) e o Mapa de Calor (Figura 8). Os valores expressam a incidência de menções na transcrição;

servem como indicadores de presença dos temas, não como medida direta de relevância substantiva.

Figura 9 - Gráfico de Tendências por código



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Figura 10 - Mapa de calor dos códigos

Lista de Códigos	Brechó A	Brechó B	Brechó C	Brechó D	Brechó E
Fatores Institucionais e Regulatórios			1		
Fatores Culturais e Comportamentais					
Consciência Ambiental	1		1		2
Fatores Econômicos e de Mercado			1	3	2
Infraestrutura e Recursos	3	6	6	3	4
Plataformas digitais	7	10	8	6	6
Capacidades de Inovação e Aprendizado	2	2		5	2
Integração e Relacionamento	2	6	9	11	8
Complementariedade			1	2	4
Governança e Orquestração		2			4
Definição de Papeis	1			1	2

Fonte: elaborado pela autora (2025)

No Mapa de Calor observam-se níveis elevados e distribuídos de Plataformas digitais em todos os casos (A=7; B=10; C=8; D=6; E=6) e de Integração e relacionamento (A=2; B=6; C=9; D=11; E=8). Infraestrutura e recursos está presente em todos. Fatores econômicos e de mercado aparecem sobretudo em D (3) e E (2), com registros pontuais em C (1). Consciência ambiental surge em A (1), C (1) e E (2).

Complementaridade é mais incidente em C (1), D (2) e E (4). Governança e orquestração ocorrem em B (2) e E (4); Definição de papéis é pontual (A=1; D=1; E=2). Fatores institucionais e regulatórios aparecem apenas em C (1). Capacidades de inovação e aprendizado concentram-se em D (5), com registros em A (2), B (2) e E (2).

Já no gráfico de tendências por *driver* (Figura 7) o padrão das curvas confirma a leitura anterior: Integração e relacionamento atingem pico no Caso D (11) e mantém níveis altos no E (8); Plataformas digitais é consistente em todos, com maior incidência no B (10) e C (8). As linhas de Governança e Definição de papéis permanecem baixas e restritas a poucos casos, enquanto institucionais e regulatórios aparecem muito pouco.

Os Apêndices D, E, F, G e H apresentam a Matriz Caso × *Driver*, construída a partir dos sumários redigidos após a codificação das entrevistas segundo o *Framework Method*. Em cada célula, registra-se uma síntese breve e factual do que o *driver* efetivamente representa naquele caso, baseada diretamente nos trechos codificados. Quando não foi identificada evidência para determinado *driver*, a célula é marcada como “sem evidência”. Diferentemente dos gráficos de frequência, que indicam incidência de menções, a matriz ressalta o conteúdo: condensa práticas, rotinas e mecanismos observados em cada brechó, permitindo comparar presença, configuração e maturidade dos *drivers* entre os casos. Essa matriz funciona, portanto, como o artefato central de consolidação dos resultados qualitativos e sustenta, nas seções seguintes, a análise por categoria.

4.2 ANÁLISE DAS CONDIÇÕES PARA O ECOSSISTEMA CIRCULAR

Este capítulo apresenta a análise das condições observadas para a formação de um ecossistema circular, estruturada em duas partes complementares. A primeira aborda os *drivers* identificados na literatura e como eles se manifestam nas evidências das entrevistas. A segunda interpreta o conjunto desses resultados com base nos elementos essenciais que caracterizam um ecossistema circular.

4.2.1 Análise dos *drivers*

Esta seção apresenta a análise das condições observadas para a formação de um ecossistema circular, com base nos *drivers* identificados na literatura e evidenciados nas entrevistas. Para oferecer uma visão geral das classificações, o Quadro 3 sintetiza o grau de presença de cada *driver* e suas respectivas justificativas.

Quadro 6 - Síntese da classificação das evidências dos *drivers*

Códigos (<i>drivers</i>)	Classificação	Justificativa
Fatores Institucionais e Regulatórios	Ausente	Falta de evidências
Fatores Culturais e Comportamentais	Incipiente	Há evidências localizadas, porém, não difundidas
Subcódigo Consciência Ambiental	Incipiente	Há evidências localizadas, porém, não difundidas
Fatores Econômicos e de Mercado	Incipiente	Presença maior em 2 casos, porém, alcance limitado no restante
Infraestrutura e Recursos	Presente	Base operacional estruturada, com processos padronizados
Subcódigo Plataformas Digitais	Presente	Presença de uso de plataformas digitais e integração físico-digital parcial
Capacidades de Inovação e Aprendizado	Incipiente	Inovações majoritariamente comerciais/operacionais; pouca experimentação circular estruturada
Integração e Relacionamento	Incipiente	Relações ativas, porém, informais
Subcódigo Complementariedade	Presente	Mentalidade de não concorrência viabiliza repasses e especialização
Governança e Orquestração	Ausente	Liderança situacional, sem um claro orquestrador nem regras de governança
Subcódigo Definição de Papéis	Ausente	Sem papéis claramente definidos

Fonte: elaborado pela autora (2025).

4.2.1.1 *Fatores Institucionais e Regulatórios*

A literatura aponta que incentivos públicos, padronização de dados setoriais e clareza normativa são condicionantes para adoção e escalabilidade de modelos circulares (DiVito et al., 2025; Ometto et al., 2025). O poder público pode atuar como *driver* por meio de legislação efetiva sobre gestão de resíduos, gestão do ciclo de vida do produto e substâncias perigosas, bem como por meio de apoio financeiro a iniciativas circulares (Barquete et al., 2022).

Nas entrevistas deste estudo não houveram menções relacionadas a benefícios legais pelos brechós entrevistados. Os fatores institucionais e regulatórios foram mencionados apenas no Caso C, associados à exigência local de emissão de notas e ao uso de sistema fiscal. Nos demais casos, não houve referência explícita a incentivos públicos, padronização setorial, normas específicas para brechós ou certificações.

A baixa incidência não foi interpretada como ausência de articulação com políticas públicas, mas como limitação do instrumento, já que o roteiro não incluiu pergunta direta sobre regulamentação. Desta forma, não foi possível verificar o grau de articulação sistemática com políticas, programas ou requisitos setoriais além do cumprimento tributário observado no Caso C.

Portanto, caracterizou-se como lacuna principal a insuficiência de evidências para descrever, com segurança, a presença do uso pelos brechós de incentivos legais e regulatórios decorrentes de seu modelo de negócio circular, sendo então classificado como ausente.

4.2.1.2 *Fatores Culturais e Comportamentais*

O comportamento circular do cliente constitui um *driver* na transição para ecossistemas circulares: além de modelos de negócio circulares, requer-se a transformação da proposição de valor e a transformação do próprio cliente, entendido como ator essencial do ecossistema (Asgari; Asgari, 2021). Esta transformação refere-se a instigar uma maior conscientização sobre os valores circulares entre os clientes (Asgari; Asgari, 2021). Nas entrevistas, essa conscientização aparece em práticas recorrentes de caráter educativo: indicação de onde doar peças fora do perfil

da loja, orientação para descarte de itens em mau estado, estímulo à revisão de armário por estação e ao retorno de peças para revenda/troca.

Outro fator relevante é a capacidade de detecção das empresas para manterem-se atentas às preferências dos consumidores sustentáveis, além de identificar iniciativas e ações que facilitem o engajamento dos clientes finais no modelo de negócio circular (Ometto et al., 2025). Nas entrevistas, o brechó A comenta que possui um programa de engajamento das clientes por meio de um sistema de créditos, incentivando a troca de itens parados por peças do brechó. Além disso, o brechó C comenta que a qualidade das peças em loja encanta as clientes, fator que facilita a quebra da resistência que algumas pessoas têm em frequentar brechós.

Considerando o quadro teórico, as evidências apontam que o *driver* de comportamento circular do cliente está presente, porém incipiente: há iniciativas educativas intencionais em alguns casos e um mecanismo de incentivo pontual, mas a adoção é heterogênea entre os brechós. Esse padrão sugere que a transformação do cliente e da proposição de valor ocorre de modo localizado, sem um processo estruturado nem métricas para acompanhar adesão e recorrência. O *driver* existe, mas com alcance limitado, o que reduz o potencial de coordenação em rede e a consolidação de práticas circulares em escala.

O subcódigo consciência ambiental foi utilizado dentro da codificação. Esse fator fundamenta-se na concepção de ecossistema circular segundo a qual são necessários esforços coletivos orientados a uma proposta de valor circular compartilhada entre atores heterogêneos e autônomos (Trevisan et al., 2022). Ademais, o engajamento das partes interessadas cumpre papel significativo na governança, favorecendo o alinhamento de objetivos e a integração de princípios circulares nas culturas organizacionais (Castillo-Ospina et al., 2025). Dessa forma, buscou-se verificar a consciência ambiental das gestoras de brechós, isto é, se a proposta de valor do negócio está efetivamente ancorada na circularidade e não apenas na revenda de usados, critério necessário para sustentar o alinhamento interorganizacional e a cooperação no ecossistema.

Nas evidências deste *driver*, apenas dois brechós explicitam a circularidade como proposta de valor. Nos demais, predomina a revenda de usados sem menção clara a objetivos circulares. Interpreta-se, portanto, que existem evidências da existência do *driver*, porém em estágio incipiente: há adesão localizada e não

difundida. Isso limita o alinhamento entre atores, restringe a coordenação e compromete a escalabilidade de práticas compartilhadas no ecossistema.

4.2.1.3 *Fatores Econômicos e de Mercado*

Do ponto de vista teórico, este *driver* remete à viabilidade e à atratividade econômica dos arranjos circulares: redução de custos, melhor uso de recursos, recuperação de valor, abertura de oportunidades de negócio e ganhos indiretos que sustentam modelos circulares no tempo (Asgari; Asgari, 2021; Ometto et al., 2025). Desta forma, foram buscadas evidências de práticas de gestão operacional e financeira que tornam o brechó sustentável.

Nas entrevistas, a incidência concentrou-se em D (3) e E (2). Em D, combinam-se compras para revenda, critérios de precificação que internalizam riscos materiais (p. ex., poliuretano) e ações de giro como o cesto promocional. Para o brechó E, a gestão financeira é mais profissionalizada (planilhas, metas de margem) e aparece a preocupação explícita com a saúde do negócio. De forma transversal, surgem práticas de precificação amparadas em parâmetros observáveis e planilhas, como o preço da peça nova, estado/qualidade, risco do material e demanda. Isso reduz arbitrariedade, padroniza decisões e tende a melhorar a margem por peça. Também há referência recorrente à profissionalização: contratação de equipe, definição de metas e rotinas administrativas, contrapondo-se à percepção de que abordagens amadoras tendem a encerrar mais cedo.

Tomadas em conjunto, as evidências dialogam com a teoria ao indicar que a lógica econômica é um pilar de sustentação do modelo circular; contudo, aparecem de forma concentrada e heterogênea entre os casos. Há sinais claros de racionalidade econômica e disciplina de gestão, mas sem difusão ampla ou padronização em rede. Portanto, interpreta-se a classificação como incipiente, pois está presente com maior robustez em D e E, porém, com alcance limitado no conjunto dos brechós analisados.

4.2.1.4 *Infraestrutura e Recursos*

O driver relacionado a infraestrutura e recursos tem a base teórica na literatura que assinala que a trajetória rumo a modelos circulares envolve desafios de

alinhamento, interdependência e afiliação entre os envolvidos, o que exige compreender como os atores se conectam e se complementam (Gomes; Barros, 2022; Barquete et al., 2022). Considerando esse referencial, examinou-se a operação de cada brechó, como processos, rotinas e recursos físicos e digitais, para identificar complementaridades, sobreposições e interfaces de afiliação capazes de sustentar soluções circulares coerentes.

O fator aparece em todos os casos, indicando que rotinas como contratos, planilhas de precificação, controles de estoque e emissão de nota integram o cotidiano das operações. Observa-se, contudo, heterogeneidade na forma como esses elementos são organizados. O brechó A integra uma franquia e, por isso, adota processos e modelo de operação padronizados. O brechó B resulta da união de duas lojas previamente independentes e passou a operar com estruturas combinadas. Os demais foram fundados por uma pessoa e evoluíram como lojas independentes, ajustando gradualmente seus procedimentos.

As decisões sobre aquisição de peças explicam parte dessas diferenças. Quando a loja compra o acervo, tende a demandar menor robustez de controle por peça e por fornecedora, como relatado em B e em parte das práticas de E. Já nos arranjos de consignação, há necessidade de procedimentos padronizados e de apoio por sistemas de controle (registro por fornecedora, prazos, critérios de retorno e liquidação), prática descrita em A, C e também em E quando opera nesse formato. Em paralelo, alguns casos destacam a estrutura física como componente da proposta de valor: A, C e E investem em ambientação e apresentação “de loja de shopping”, alinhadas a um público disposto a pagar por curadoria e qualidade.

Observa-se convergência por modelo de aquisição: onde predomina compra para revenda, os controles tendem a ser mais enxutos; nos arranjos de consignação, surgem procedimentos mais formalizados. Além disso, há um gradiente de profissionalização, de operações mais estruturadas a rotinas menos robustas, refletindo particularidades de cada brechó. Essa heterogeneidade não é um problema; ao contrário, pode facilitar a solução de problemas no ecossistema pela presença de capacidades complementares entre os parceiros (Tate et al., 2019). Para a formação do ecossistema, essa diversidade cria complementaridades funcionais, por exemplo a consignação traz previsibilidade e confiança, já a compra direta traz agilidade e giro, o que abre oportunidades de afiliação entre atores distintos.

O subcódigo Plataformas digitais se baseia na teoria de que a digitalização se torna decisiva por viabilizar transparência e coordenação entre os participantes do sistema (Trevisan et al., 2022). Além disso, plataformas de informação operam como habilitadores de alinhamento entre os atores do ecossistema, ao articular dados e práticas de forma consistente (Gomes et al., 2024). O *driver* possui incidência alta e transversal: todos os casos utilizam recursos digitais como parte do funcionamento rotineiro.

Observa-se uso consolidado de *Instagram* para vitrine e divulgação de peças, com venda por mensagens; *WhatsApp* para atendimento, listas de transmissão, grupos de clientes e combinações de entrega/retirada; e, em alguns casos, site próprio e outras redes para ampliar alcance. Quando há site, relatos indicam dificuldade de gerenciamento do acervo on-line (atualização, sincronização com estoque), o que leva parte das lojas a concentrar esforços no *Instagram* e no *WhatsApp*.

Para além dos canais, aparecem sistemas de apoio à gestão que organizam o fluxo das peças e reduzem erros no atendimento. Em modelos com consignação, como dos Brechós A, C e E realizam o cadastro de fornecedoras com código próprio, a precificação no ato da entrada, o controle de estoque por item e, quando possível, a integração com o canal de venda.

Como todos os brechós utilizam plataformas digitais no dia a dia, mesmo que em níveis diferentes de maturidade, o *driver* foi interpretado como presente. Observam-se casos com gestão integrada físico–digital e outros restritos ao uso de canais de comunicação sem integração de dados. Como fluxos de materiais e dados são elemento central para a estruturação de ecossistemas circulares (Trevisan et al., 2022), a principal lacuna é a integração de estoque e o compartilhamento estruturado de informações entre lojas.

4.2.1.5 Capacidades de Inovação e Aprendizado

A capacidade de inovação e aprendizado foi entendida a partir da lente das capacidades dinâmicas para ecossistemas circulares: a capacidade de “aproveitar soluções circulares” depende de experimentação, desenvolvimento e aprendizagem coletiva entre os atores (Castillo-Ospina et al., 2025).

Nas entrevistas foram observadas algumas atitudes de inovação e aprendizado. No brechó A, o mecanismo de crédito na loja, o qual é passível de saque

ou uso para recompra, estimula retorno de peças e recompra no mesmo ciclo, inclusive por integrantes da equipe que atuam como fornecedoras/cliente. O brechó B experimenta plataformas de venda on-line (como Enjoei e OLX) para ampliar alcance quando a localização física limita a divulgação. No brechó D e E, a pandemia impulsionou a expansão de canais digitais e o teste de formatos. O brechó D focou em melhorar a experiência da consumidora online, por meio de redes sociais e site. Já o brechó E relata ter sido um dos primeiros da cidade a realizar transmissões ao vivo pelo Instagram no período.

Nas evidências, apareceram atitudes pontuais de inovação e aprendizado, em geral voltadas à continuidade operacional e ao aumento de vendas, por exemplo a expansão de canais na pandemia e testes de plataformas on-line. A única iniciativa explicitamente orientada à circularidade foi o mecanismo de crédito do brechó A, que incentiva a devolução e recompra no mesmo ciclo. Não emergiram rotinas estruturadas de experimentação (prototipagem, pilotos), ciclos formais de feedback ou processos de aprendizagem que sistematizem e escalem soluções circulares como exemplificado por Castillo-Ospina et al. (2025). Portanto o *driver* foi classificado como incipiente, pois há sinais de inovação e aprendizado, porém predominantemente comerciais e pouco direcionados à experimentação de soluções de EC.

4.2.1.6 *Integração e Relacionamento*

É necessário criar alinhamento coerente entre parceiros de uma rede para que ações interdependentes se sustentem no tempo (Malherbe; Tellier, 2022), por isso o fator de integração e relacionamento constitui uma condição central para a existência do ecossistema. Com base nessa premissa, este código buscou verificar se e como os brechós se relacionam entre si e com outros atores.

Os resultados mostram um espectro de relações que envolve tanto vínculos entre brechós quanto conexões com entidades externas. Entre brechós, observam-se encaminhamentos quando o item foge do perfil, trocas pontuais, participação em feiras (B) e encontros periódicos nos casos C, D e E, sendo E o organizador dessas iniciativas. Também foi relatado compartilhamento de informações de estoque no caso C, a fim de suprir tamanhos em falta, e um fluxo regular de referenciamento no caso D. No relacionamento com bazares, igrejas e instituições de caridade, nota-se atuação mais estruturada no caso E, que realiza visitas presenciais para assegurar o destino

adequado das doações; A, C e D também doam e, nesses casos, as próprias entidades fazem a coleta no local.

Os achados indicam a existência de relacionamentos, porém ainda em estágio incipiente. Observa-se a predominância de trocas pontuais, como o encaminhamento de itens que não se enquadram no perfil de determinada loja, o compartilhamento ocasional de informações de estoque e o referenciamento realizado com certa regularidade. Também se verificam interações esporádicas em feiras e encontros. Até o momento, não há evidências de uma coordenação estruturada entre os brechós que sinalize a formação de um ecossistema. O caso E desponta ao organizar encontros que geram troca de aprendizados e colaboração mais explícita; ainda assim, trata-se de iniciativas pontuais, não de mecanismos contínuos de alinhamento. Em síntese, existe um certo nível de relacionamento, mas com alcance limitado e baixa formalização, revelando lacuna de estruturação do relacionamento interorganizacional necessária para sustentar ações coletivas em escala.

O subcódigo complementaridade se baseia na teoria de que os atores devem articular funções, recursos e conhecimentos entre si para gerar resultados superiores aos obtidos isoladamente (Gomes et al., 2024). Isso supõe que os atores se reconheçam como parceiros complementares, priorizando ganhos mútuos e troca de aprendizado em vez de competição (Castillo-Ospina et al., 2025).

Nas entrevistas, foi possível notar a mentalidade de não concorrência entre brechós, onde cada loja reconhece atender públicos e estilos distintos e, por isso, afirma haver “espaço para todos”, sendo assim o subcódigo foi analisado como presente. Essa atitude vista entre os brechós favorece o encaminhamento quando a peça recebida não se ajusta ao perfil local, mas pode atender ao de outra loja. O caso D explicita essa prática ao recomendar brechós conhecidos sempre que identifica inadequação ao seu escopo; o caso E também registra complementaridade entre brechós com perfis próprios, reforçando a lógica de especialização e repasse.

4.2.1.7 *Governança e Orquestração*

O orquestrador é o ator focal com recursos e capacidades para conectar atores heterogêneos, encurtar laços indiretos e direcionar fluxos de recursos, promovendo colaboração e resultados em nível de ecossistema (Aarikka-Stenroos et al., 2021; Reypens et al., 2021). Já a governança define papéis claros e mecanismos

essenciais para sustentar as relações e o funcionamento do ecossistema circular (Aryee, 2024). Com base nessas definições, nas entrevistas buscou-se identificar se há um orquestrador (e quem o exerce) e se existem regras/arranjos de governança entre os brechós.

Os sinais de Governança e Orquestração são escassos no conjunto (B=2; E=4), com Definição de Papéis apenas pontual (A=1; D=1; E=2). O Brechó E é a principal exceção, organiza encontros de moda circular, aproximadamente duas vezes ao ano, com pauta definida, convite e inscrição, e registro das participações. A iniciativa foi motivada por experiência semelhante observada em São Paulo e, no contexto local, é o exemplo mais próximo de colaboração formal encontrado nas entrevistas, funcionando como instância de coordenação leve para troca de experiências e alinhamento básico entre participantes.

Quanto à definição de papéis, observa-se que o brechó E atua como organizador dos encontros (convoca, pauta e registra), enquanto os brechós convidados funcionam como multiplicadores ao repassarem o convite a outras lojas, ampliando o alcance. Em contraste, o brechó A, que não participa desses encontros, recebe mentoria da franquia, mas não colabora com outras lojas da mesma rede.

Considerando as evidências descritas este código e subcódigo foram considerados como ausentes, pois não foi identificado um orquestrador claramente estabelecido, tampouco regras de governança com definição de papéis e processos entre os brechós. O evento recorrente organizado pelo brechó E indica uma liderança situacional e cria oportunidade de encontro, troca e colaboração; porém, os demais atores aparecem com funções pouco definidas, e o vínculo entre encontros e alguma rotina decisória compartilhada não ficou demonstrado. Em termos analíticos, trata-se de uma lacuna estrutural para a consolidação do ecossistema: há sociabilidade e boa vontade, mas falta institucionalidade (quem decide, como decide, com que recursos e com que responsabilidades).

Entre os casos analisados, o brechó E emerge como candidato potencial à orquestração, pois organiza eventos que promovem troca de práticas e colaboração entre pares. Tal movimento converge com a caracterização de orquestradores, que disseminam *know-how* circular, fomentam a cooperação (inclusive entre concorrentes) e priorizam a aprendizagem mútua para criar condições culturais favoráveis à inovação (Castillo-Ospina et al., 2025).

4.2.2 Análise dos elementos essenciais

Segundo Trevisan et al. (2022), a estruturação de um ecossistema circular depende da articulação de cinco elementos fundamentais: valor, atores, fluxos, atividades e governança. Desta forma, as evidências revelam um nível de maturação ainda inicial, com elementos parcialmente desenvolvidos e lacunas relevantes a serem supridas para que um ecossistema circular seja viável entre os brechós de moda em Florianópolis.

A lacuna mais crítica observada é a ausência de evidências de governança e a orquestração. Trevisan et al. (2022) descrevem a governança colaborativa como o alicerce que viabiliza a coordenação de interesses, a definição de padrões e a gestão de fluxos de valor e informação. A falta da presença clara de um orquestrador limita a definição de papéis e responsabilidades, dificulta o planejamento conjunto e reduz a capacidade de colaborar para formar estratégias circulares em conjunto.

Quanto ao valor, elemento central que orienta a dinâmica dos ecossistemas circulares por envolver a definição de uma proposta alinhada à circularidade, a construção conjunta entre os atores, a captura compartilhada e a geração contínua de valor ao longo de diferentes ciclos (Trevisan et al., 2022), as evidências indicam desalinhamento no conjunto analisado. O subcódigo “consciência ambiental” revela que nem todos os brechós se reconhecem como modelos de negócio orientados à circularidade, o que dificulta a formulação de uma proposta de valor comum e, por consequência, a captura compartilhada de valor. Além disso, Trevisan et al. (2022) enfatizam que, para além da proposta de valor, as demais atividades desempenhadas pelos atores também devem estar orientadas ambientalmente à sustentabilidade, o que reforça a lacuna observada: parte dos brechós não alinha suas práticas cotidianas a objetivos de circularidade, limitando a materialização de valor coletivo ao longo dos ciclos.

A literatura ressalta que a diversidade de participantes permite funções complementares que viabilizam os ciclos circulares (Tate et al., 2019) e que esse potencial requer alinhamento de interesses, conciliando objetivos individuais e coletivos (Konietzko; Bocken; Hultink, 2020). Nas evidências, há relacionamento entre brechós e contatos com parceiros para doação ou descarte, porém de forma majoritariamente informal, sem definição de papéis e responsabilidades. A presença do subcódigo “complementariedade” é um ponto positivo: os brechós não se veem

como competidores diretos, por causa das diferenças de operação e público-alvo. Contudo, iniciativas de cooperação como o evento realizado pelo brechó E ainda são pontuais. Portanto, falta estruturação das relações e iniciativa para organização conjunta, o que limita a coordenação e afasta o arranjo das condições necessárias à formação do ecossistema circular.

No que se refere aos fluxos de materiais e informações, a literatura indica que maximizar a circulação de recursos exige ressignificar o uso dos materiais e integrar dados provenientes de diferentes fontes, de modo a ampliar a visão sistêmica e sustentar a coordenação por meio de plataformas digitais (Hakanen; Rajala, 2018; Konietzko; Bocken; Hultink, 2020; Trevisan et al., 2022). Nas evidências, os códigos “infraestrutura e recursos” e “plataformas digitais” aparecem como presentes, criando uma base técnica para compartilhamento de informações, como estoques. Ainda assim, a integração permanece limitada: apenas dois brechós possuem integração físico-digital de estoque e somente um relatou troca de informações de estoque com outra loja para fins de colaboração. Os fluxos de materiais ocorrem de maneira pontual, sem rotinas e padrões de dados compartilhados. Persiste, portanto, uma lacuna de natureza organizativa: faltam protocolos e práticas regulares que convertam a base tecnológica existente em mecanismos contínuos de coordenação e cocriação de valor.

Em síntese, o conjunto de evidências indica condições ainda iniciais para a formação de um ecossistema circular entre os brechós analisados: há base operacional e digital mínima, mas coexistem lacunas centrais em governança, alinhamento de valor, estruturação das relações entre atores e integração de fluxos.

4.3 AÇÕES PARA O FORTALECIMENTO DAS CONDIÇÕES DO ECOSISTEMA CIRCULAR

Com base nos cinco elementos essenciais propostos por Trevisan et al. (2022), algumas ações podem melhorar as condições observadas e aproximar o arranjo dos princípios que sustentam um ecossistema circular.

No plano relacional e de governança, os encontros já existentes podem ser reorganizados como espaço contínuo de coordenação e aprendizagem, com pauta, calendário e resultados esperados por reunião, pois Gomes et al. (2021) destacam que a consolidação de um ecossistema requer coordenação constante e mecanismos

de alinhamento entre os atores. Também é recomendável instituir regras e protocolos mínimos para orientar esses encontros, fortalecendo a estrutura de alinhamento entre as atividades e as posições dos participantes, conforme discutem Jacobides, Cennamo e Gawer (2018) ao tratarem da importância das regras e padrões para sustentar interdependências. Além disso, recomenda-se registrar decisões e boas práticas em formato simples, como atas resumidas ou planilhas compartilhadas, pois Konietzko, Bocken e Hultink (2020) observam que a integração de dados e informações fortalece a confiança e a capacidade de decisão coletiva.

A definição de um orquestrador, capaz de coordenar interesses e zelar pelo cumprimento de padrões comuns, também se mostra essencial, uma vez que Trevisan et al. (2022) e Parida et al. (2019) apontam que a presença de uma liderança coordenadora favorece a coerência e a integração entre os atores. No eixo do valor e das atividades, é importante definir de forma conjunta uma proposta de valor orientada à circularidade, visto que, segundo Trevisan et al. (2022), a proposta de valor constitui o núcleo que orienta a dinâmica dos ecossistemas circulares e deve ser construída coletivamente. Em seguida, essa proposta pode ser operacionalizada por meio de rotinas recorrentes, como campanhas de desapego coordenadas entre as lojas. Esse tipo de ação contribui para ampliar o tempo de uso das peças e reforça o papel dos brechós como elos de reuso, prática coerente com o que Sandberg (2023) e Persson e Hinton (2023) descrevem sobre as dinâmicas de revenda e prolongamento do ciclo de vida na moda.

A criação de programas de crédito, em que o cliente recebe um valor a ser utilizado em futuras compras ao entregar roupas para desapego, também pode estimular o engajamento e o retorno de peças. Chen e Tabata (2024) e Sandberg (2023) mostram que programas de incentivo e fidelidade são estratégias eficazes para aumentar a adesão dos consumidores a iniciativas de devolução e recompras. Essas ações podem ser ainda mais efetivas se forem coordenadas entre brechós, com materiais e cronogramas alinhados, pois Gomes et al. (2024) e Trevisan et al. (2022) indicam que o alinhamento e a interdependência entre atores são fundamentais para a sustentação de ecossistemas colaborativos.

No âmbito dos atores, recomenda-se adotar um procedimento leve de afiliação de parceiros, considerando que Gomes et al. (2024) destacam a importância dos mecanismos de afiliação e da atração de novos participantes para a vitalidade do ecossistema. A complementaridade entre lojas pode ser fortalecida pelo mapeamento

do público-alvo e do perfil de acervo de cada brechó, incorporando essas informações aos protocolos de encaminhamento e às parcerias com organizações sociais. Esses protocolos também podem ser estendidos a outros agentes do reuso, como cooperativas, bazares e associações locais, fortalecendo os fluxos de encaminhamento e ampliando a rede de colaboração — diretriz coerente com o papel dos múltiplos atores comerciais e sociais destacados por Encino-Munoz e Yilan (2025) e Shamsuzzaman et al. (2025).

Para reduzir assimetrias de gestão, os encontros podem incluir trocas orientadas sobre processos e sistemas, por exemplo, referências mínimas de precificação e de registro por peça, uma vez que Castillo-Ospina et al. (2025) e Asgari e Asgari (2021) enfatizam que a aprendizagem, a padronização e o desenvolvimento de capacidades são elementos essenciais para a reconfiguração e o fortalecimento das redes colaborativas. No plano comercial, recomenda-se também profissionalizar a presença digital de cada brechó, com sites ou vitrines virtuais que funcionem como canais de exposição e instrução de compra. Essa iniciativa se justifica porque Konietzko, Bocken e Hultink (2020) e Persson e Hinton (2023) demonstram que as plataformas digitais ampliam o encontro entre oferta e demanda e integram fluxos de informação no contexto da moda circular.

Em conjunto, essas medidas não constroem diretamente o ecossistema, mas criam um ambiente mais propício à sua consolidação, ao fortalecer a coordenação, o alinhamento de valor, a integração informacional e o encadeamento das atividades entre os brechós e demais atores. A seguir, o Quadro 4 organiza as ações em relação às lacunas mapeadas, indicando o *driver* associado e o elemento essencial que orienta sua proposição.

Quadro 7 - Síntese das ações mapeadas

Ação	Lacuna	Driver	Elemento essencial
1. Estruturação dos encontros	Falta de mecanismos de coordenação e instâncias formais de governança	Governança e Orquestração	Governança
2. Definição de um orquestrador	Ausência de ator focal responsável pela articulação e liderança colaborativa	Governança e Orquestração	Governança
3. Formulação conjunta de uma proposta de valor circular	Desalinhamento de propósito e baixa consciência ambiental compartilhada	Fatores Culturais e Comportamentais (Consciência Ambiental)	Valor
4. Criação de campanhas e programas coordenados entre brechós	Falta de cooperação e de atividades conjuntas estruturadas	Integração e Relacionamento	Atividades
5. Definição de protocolos de afiliação e encaminhamento	Relações informais e ausência de padronização nas interações	Integração e Relacionamento	Atores
6. Profissionalização da gestão e integração digital	Falta de integração físico-digital e de compartilhamento de dados entre brechós	Infraestrutura e Recursos (Plataformas Digitais)	Fluxos

Fonte: elaborado pela autora (2025).

5 CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo identificar ações que possam contribuir para a formação de um ecossistema circular entre brechós em Florianópolis, com base na avaliação das condições atualmente observadas. A pesquisa parte do entendimento de que os brechós ocupam posição estratégica na cadeia da moda circular. Para atingir esse objetivo, o estudo foi orientado por quatro objetivos específicos. O primeiro consistiu em revisar os fatores e modelos que impulsionam a formação de ecossistemas circulares, com o intuito de reunir bases conceituais que sustentam a análise empírica. O segundo buscou mapear os principais atores da economia circular da moda que atuam na etapa de reuso de roupas, identificando seus papéis e relações potenciais dentro do sistema. O terceiro teve como foco avaliar a presença de fatores habilitadores de ecossistemas circulares no contexto atual dos brechós em Florianópolis, a partir dos *drivers* identificados na literatura. Por fim, o quarto objetivo visou identificar melhorias que possam tornar o ambiente dos brechós mais propício à formação e consolidação de um ecossistema circular.

Primeiramente, foi realizada uma revisão sistemática da literatura nas bases Scopus e *Web of Science*, alinhada com os objetivos específicos a) e b). A revisão foi dividida entre duas perguntas: a primeira buscou mapear os principais *drivers* e modelos estruturantes de ecossistemas circulares; a segunda os principais atores envolvidos na etapa de reuso de roupas. Os resultados foram sintetizados em quadros e serviram como base teórica para as etapas seguintes.

Em seguida, desenvolveu-se um diagnóstico empírico alinhado ao objetivo específico (c), por meio de entrevistas semiestruturadas com brechós, orientadas por roteiro baseado na literatura sobre *drivers*. Para viabilizar a coleta no prazo do estudo, adotou-se recorte geográfico em Florianópolis: foram listados 28 brechós e, após múltiplas tentativas de contato e baixa taxa de resposta, 5 concederam entrevista. As conversas buscaram verificar a presença de fatores habilitadores de ecossistemas circulares e caracterizar o contexto local, fornecendo a base empírica para o julgamento de viabilidade.

A análise dos resultados das entrevistas foi realizada a partir do *framework method* com auxílio do *software* MAXQDA. O *software* permitiu codificar sistematicamente os conteúdos das entrevistas com base no quadro de *drivers*, organizando as evidências e facilitando a comparação entre casos, o que sustentou a

síntese analítica apresentada na discussão. Assim, a base teórica do trabalho foi utilizada para confrontar os resultados das entrevistas e conseguir avaliar as principais lacunas para viabilizar a formação de um ecossistema circular entre os brechós. Essa análise das evidências junto da teoria permitiu identificar os fatores ausentes ou incipientes e relacioná-los diretamente aos elementos essenciais para o desenvolvimento de um ecossistema circular.

Os achados indicam estágio inicial para a formação de um ecossistema circular, com lacunas críticas. A mais relevante reside na governança, pois inexistente o orchestrador, bem como regras e mecanismos de decisão capazes de sustentar colaboração contínua. Sem esse eixo, os demais elementos não se articulam de forma estável e a colaboração permanece pontual.

Nos demais componentes, observou-se desalinhamento de valor (ausência de proposta compartilhada orientada à circularidade), integração de fluxos limitada e atividades pouco encadeadas e pontuais. No plano dos atores, as relações seguem majoritariamente informais, restringindo complementaridades e aprendizado coletivo. Em síntese, existem condições necessárias dispersas, mas faltam mecanismos organizativos que conectem valor, atores, fluxos e atividades sob uma governança efetiva.

Para responder à pergunta de pesquisa - “Quais ações e iniciativas podem contribuir para a formação de um ecossistema circular entre os brechós e os atores responsáveis pelo reuso de roupas?” — conclui-se, a partir das lacunas identificadas, que é necessário instituir um orchestrador capaz de liderar a coordenação e, a partir daí, definir regras mínimas de relacionamento entre os atores. Os eventos já existentes podem ser utilizados como palco inicial para pactuar papéis, rotinas e indicadores, evoluindo gradualmente para um espaço contínuo de colaboração entre brechós. Em paralelo, propõe-se o alinhamento de valor por meio de uma proposta comum orientada à circularidade e a adoção de protocolos simples de dados e fluxos, de modo a transformar a infraestrutura disponível em coordenação efetiva.

Em síntese, as iniciativas propostas não garantem por si a formação do ecossistema, mas tornam o cenário mais favorável ao seu surgimento. Considera-se o objetivo do trabalho alcançado, uma vez que, embora as condições atuais ainda não tornem viável a consolidação de um ecossistema circular entre brechós e demais atores do reuso, o estudo identificou ações práticas orientadas à superação das lacunas centrais e à criação de um ambiente mais favorável ao seu desenvolvimento.

Esta pesquisa traz contribuições no plano teórico e prático. No plano teórico, o trabalho contribui para o campo amplo dos ecossistemas circulares ao organizar uma base teórica dispersa e clarificar a relação entre seus elementos essenciais (valor, atores, fluxos, atividades e governança) em um contexto urbano real. Especificamente na indústria da moda, onde os estudos sobre ecossistemas circulares ainda são escassos, acrescenta evidências empíricas sobre o segmento de brechós, indicando onde há avanços e onde persistem lacunas para a emergência de um arranjo colaborativo de reuso.

No plano prático, o estudo oferece uma síntese das operações e práticas observadas em brechós, o que pode apoiar gestores locais e orientar empreendedores interessados na moda circular ao reunir informações sobre modos de operação, padrões adotados e pontos de atenção. Ao sistematizar esses elementos, o trabalho fornece referências úteis para decisões e iniciativas que busquem aproximar atores e consolidar práticas de reuso em nível local.

Apesar das contribuições, a pesquisa apresenta limitações que abrem caminho para pesquisas futuras. Em primeiro lugar, o recorte geográfico restringiu o volume e a diversidade das informações coletadas, agravado pela baixa taxa de aceitação para a realização das entrevistas. Pesquisas subsequentes podem ampliar a amostra de brechós ao expandir o recorte territorial e incluir outros elos da moda (p. ex., empresas de *upcycling*, plataformas digitais, organizações sociais), de modo a aumentar a variabilidade de atores e ir além do foco exclusivo no reuso de roupas. Além disso, a revisão de literatura foi conduzida em apenas duas bases (Scopus e Web of Science), portanto a ampliação das bases de busca pode fortalecer a fundamentação teórica e reduzir vieses de cobertura.

REFERÊNCIAS

AARIKKA-STENROOS, Leena; RITALA, Paavo; THOMAS, Llewellyn D.W. Circular economy ecosystems: a typology, definitions, and implications. **Research Handbook of Sustainability Agency**. [S. l.: s. n.], 2021. p. 260–276.

ABBATE, Stefano; CENTOBELLI, Piera; CERCHIONE, Roberto. From Fast to Slow: An Exploratory Analysis of Circular Business Models in the Italian Apparel Industry. **International Journal of Production Economics**, [s. l.], vol. 260, p. 108824, jun. 2023.

ABDELMEGUID, Aya; AFY-SHARARAH, Mohamed; SALONITIS, Konstantinos. Towards circular fashion: Management strategies promoting circular behaviour along the value chain. **Sustainable Production and Consumption**, [s. l.], vol. 48, p. 143–156, jul. 2024.

ADNER, Ron. Ecosystem as Structure: An Actionable Construct for Strategy. **Journal of Management**, [s. l.], vol. 43, nº 1, p. 39–58, 1 jan. 2017.

ADNER, Ron; FEILER, Daniel. Interdependence, perception, and investment choices: An experimental approach to decision making in innovation ecosystems. **Organization Science**, [s. l.], vol. 30, nº 1, p. 109–125, 1 jan. 2019.

ASGARI, Amir; ASGARI, Reza. How circular economy transforms business models in a transition towards circular ecosystem: the barriers and incentives. **Sustainable Production and Consumption**, [s. l.], vol. 28, p. 566–579, 1 out. 2021.

ASTRO, Elaine de; OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de. A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. **Entretextos**, Londrina, vol. 22, n. 3, p. 25–45, 2022.

AUS, Reet; MOORA, Harri; VIHMA, Markus; UNT, Reimo; KIISA, Marko; KAPUR, Sneha. Designing for circular fashion: integrating upcycling into conventional garment

manufacturing processes. **Fashion and Textiles**, [s. l.], vol. 8, nº 1, p. 1–18, 1 dez. 2021.

AYRES, Mareu. **Trajetória Repassa: de startup a maior brechó on-line do Brasil** – Blog do Repassa. 2022. Disponível em: <https://blog.repassa.com.br/portfolio/trajetoria-repassa-de-startup-a-maior-brecho-on-line-do-brasil/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BARQUETE, Sophia; SHIMOZONO, Ana Hiromi; TREVISAN, Adriana Hofmann; CASTRO, Camila Gonçalves; GOMES, Leonardo Augusto de Vasconcelos; BROOKS, Andrew. Stretching global production networks: The international second-hand clothing trade. **Geoforum; journal of physical, human, and regional geosciences**, vol. 44, p. 10–22, 2013.

BATISTA, Luciano; BOURLAKIS, Michael; LIU, Yang; SMART, Palie; SOHAL, Amrik. Supply chain operations for a circular economy. **Production Planning and Control**, [s. l.], vol. 29, nº 6, p. 419–424, 26 abr. 2018.

BOCKEN, N. M.P.; SCHUIT, C. S.C.; KRAAIJENHAGEN, C. Experimenting with a circular business model: Lessons from eight cases. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, [s. l.], vol. 28, p. 79–95, 1 set. 2018.

BOCKEN, N. M.P.; SHORT, S. W. Towards a sufficiency-driven business model: Experiences and opportunities. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, [s. l.], vol. 18, p. 41–61, 1 mar. 2016.

BOSTON CONSULTING GROUP; ENJOEI. **A (re)descoberta da moda seminova no Brasil**. São Paulo: Boston Consulting Group, 2022. p. 13. Disponível em: <https://www.bcg.com/pt-br/publications/2022/a-redescoberta-da-moda-seminova-no-brasil>. Acesso em: 17 maio 2025.

BRASILEIROS DESCARTAM EM ATERROS 75% DAS PEÇAS DE ROUPAS USADAS, APONTA SENAI – ABREMA. [s. d.]. Disponível em:

<https://www.abrema.org.br/2024/08/22/brasileiros-descartam-em-aterros-75-das-pecas-de-roupas-usadas-aponta-senai/>. Acesso em: 10 maio 2025.

BURFORD, Natalie; SHIPILOV, Andrew V.; FURR, Nathan R. How ecosystem structure affects firm performance in response to a negative shock to interdependencies. **Strategic Management Journal**, [s. l.], vol. 43, nº 1, p. 30–57, 1 jan. 2022.

CASTILLO-OSPINA, Dánika A.; ORMAZABAL, Marta; DE VASCONCELOS GOMES, Leonardo; OMETTO, Aldo Roberto. A dynamic capabilities framework for building circular ecosystems by focal firms. **Sustainable Production and Consumption**, [s. l.], vol. 54, p. 130–148, 1 mar. 2025.

CHEN, Xiaqing; TABATA, Tomohiro. Circular economy in fashion: consumer awareness and lifestyle, and environmental impact on second-hand clothes. **Journal of material cycles and waste management**, vol. 26, n. 6, p. 3876–3892, 2024.

CLARYSSE, Bart; WRIGHT, Mike; BRUNEEL, Johan; MAHAJAN, Aarti . Creating value in ecosystems: Crossing the chasm between knowledge and business ecosystems. **Research policy**, vol. 43, n. 7, p. 1164–1176, 2014.

D'ADAMO, Idiano; LUPI, Gianluca; MORONE, Piergiuseppe; SETTEMBRE-BLUNDO, Davide. Towards the circular economy in the fashion industry: the second-hand market as a best practice of sustainable responsibility for businesses and consumers. **Environmental Science and Pollution Research**, [s. l.], vol. 29, nº 31, p. 46620–46633, 1 jul. 2022.

DE JESUS, Ana; MENDONÇA, Sandro. Lost in Transition? Drivers and Barriers in the Eco-innovation Road to the Circular Economy. **Ecological Economics**, [s. l.], vol. 145, p. 75–89, 1 mar. 2018.

DIVITO, Lori; VAN WIJK, Jakomijn; VAN HILLE, Iteke; INGEN-HOUSHZ, Zita. Orchestrating Circular Economy Ecosystem Emergence: A Case Study of Circular Textiles and Apparel. **Organization and Environment**, [s. l.], 2025.

ECHEVERRIA, Claudia A.; HANDOKO, Wilson; PAHLEVANI, Farshid; SAHAJWALLA, Veena. Cascading use of textile waste for the advancement of fibre reinforced composites for building applications. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 208, p. 1524–1536, jan. 2019.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **A New Textiles Economy: Redesigning Fashion's Future**. 27 nov. 2017. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/a-new-textiles-economy>. Acesso em: 15 maio 2025.

ENCINO-MUNOZ, Ana Gabriela; MORONE, Piergiuseppe. Second-Hand Clothing Trade: Achieving Circular Economy In The Fashion Sector Through International Cooperation. **Acta Innovations**, [s. l.], vol. 2023, nº 49, p. 75–91, 1 dez. 2023.

ENCINO-MUNOZ, Ana Gabriela; YILAN, Gülşah. Second-hand clothing and sustainability in the fashion sector: Analysing visions on circular strategies through SWOT/ANP method. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 493, p. 144909, 15 fev. 2025.

GEISSDOERFER, Martin; PIERONI, Marina P.P.; PIGOSSO, Daniela C.A.; SOUFANI, Khaled. Circular business models: A review. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 277, p. 123741, 20 dez. 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. [S.l.]: PLAGEDER, 2009.

GHISELLINI, Patrizia; CIALANI, Catia; ULGIATI, Sergio. A review on circular economy: the expected transition to a balanced interplay of environmental and economic systems. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 114, p. 11–32, 15 fev. 2016.

GHOREISHI, Malahat; BHANDARI, Kajal; FRANCONI, Alessio. Smart Fashion Economy through a Data-Driven Circular Ecosystem: A Case Study. **IOP**

Conference Series: Earth and Environmental Science, [s. l.], vol. 1009, nº 1, p. 012012, 7 abr. 2022.

GOMES, Leonardo Augusto de Vasconcelos; CHAPARRO, Ximena Alejandra Flechas; FACIN, Ana Facin Figueiredo; BORINI, Felipe Mendes. Ecosystem management: Past achievements and future promises. **Technological Forecasting and Social Change**, [s. l.], vol. 171, p. 120950, 1 out. 2021.

GOMES, Leonardo Augusto de Vasconcelos; HOMRICH, Aline Sacchi; FACIN, Ana Lucia Figueiredo; SILVA, Lucas Emmanuel Nascimento; CASTILLO-OSPINA, Danika A.; TREVISAN, Adriana Hofmann; OMETTO, Aldo Roberto; MASCARENHAS, Janaina; CARVALHO, Marly Monteiro. Enablers for circular ecosystem transformation: A multi-case study of Brazilian circular ecosystems. **Sustainable Production and Consumption**, [s. l.], vol. 49, p. 249–262, 1 set. 2024.

GOPALAKRISHNAN, Sivasankari; MATTHEWS, Delisia. Collaborative consumption: a business model analysis of second-hand fashion. **Journal of Fashion Marketing and Management**, [s. l.], vol. 22, nº 3, p. 354–368, 25 jun. 2018.

GRÜNEISL, Katharina. Limits of circularity: Examining ruptures to valuation work in Tunisia's used clothing economy. **Environment and Planning E: Nature and Space**, [s. l.], 2025.

HAKANEN, Esko; RAJALA, Risto. Material intelligence as a driver for value creation in IoT-enabled business ecosystems. **Journal of Business and Industrial Marketing**, [s. l.], vol. 33, nº 6, p. 857–867, 4 out. 2018.

HAZEN, Ben; CONFENTE, Ilenia; PELLATHY, Daniel; RUSSO, Ivan. From end-of-the-road to critical node: The role of end-user “Consumers” in shaping circular supply chain management. **Circular Economy Supply Chains: From Chains to Systems**, [s. l.], , p. 151–165, 19 abr. 2022.

HSIEH, Ying-Che; LIN, Kuo-Yi; LU, Chao; RONG, Ke. Governing a sustainable business ecosystem in Taiwan's circular economy: The story of Spring Pool Glass. **Sustainability**, vol. 9, n. 6, p. 1068, 2017.

JABAREEN, Yosef. Building a Conceptual Framework: Philosophy, Definitions, and Procedure. **International Journal of Qualitative Methods**, [s. l.], vol. 8, n° 4, p. 49–62, dez. 2009.

JACOBIDES, Michael G.; CENNAMO, Carmelo; GAWER, Annabelle. Towards a theory of ecosystems. **Strategic Management Journal**, [s. l.], vol. 39, n° 8, p. 2255–2276, 1 ago. 2018.

JIA, Fu; YIN, Shiyuan; CHEN, Lujie; CHEN, Xiaowei. The circular economy in the textile and apparel industry: A systematic literature review. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 259, p. 120728, 20 jun. 2020.

KANDA, Wisdom; GEISSDOERFER, Martin; HJELM, Olof. From circular business models to circular business ecosystems. **Business Strategy and the Environment**, [s. l.], vol. 30, n° 6, p. 2814–2829, 1 set. 2021.

KIRCHHERR, Julian; PISCICELLI, Laura; BOUR, Ruben; KOSTENSE-SMIT, Erica; MULLER, Jennifer; HUIBRECHTSE-TRUIJENS, Anne; HEKKERT, Marko. Barriers to the Circular Economy: Evidence From the European Union (EU). **Ecological Economics**, [s. l.], vol. 150, p. 264–272, 1 ago. 2018.

KIRCHHERR, Julian; REIKE, Denise; HEKKERT, Marko. Conceptualizing the circular economy: An analysis of 114 definitions. **Resources, Conservation and Recycling**, [s. l.], vol. 127, p. 221–232, 1 dez. 2017.

KONIETZKO, Jan; BOCKEN, Nancy; HULTINK, Erik Jan. Circular ecosystem innovation: An initial set of principles. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 253, p. 119942, 20 abr. 2020.

LAWRENCE, Jassica; BETTINETTI, Roberta; TORRETTA, Vincenzo; RADA, Elena Cristina. Investigating the effectiveness of clothes recovery programs in promoting a circular economy: A review. **E3S Web of Conferences**, [s. l.], vol. 408, p. 01002, 2 ago. 2023. Disponível em: https://www.e3s-conferences.org/articles/e3sconf/abs/2023/45/e3sconf_iscmee2023_01002/e3sconf_iscmee2023_01002.html. Acesso em: 25 abr. 2025.

MACHADO, Maria Amália Dutra; ALMEIDA, Stefânia Ordovás de; BOLLICK, Laura Chiattonne; BRAGAGNOLO, Gabriela. Second-hand fashion market: consumer role in circular economy. **Journal of Fashion Marketing and Management**, [s. l.], vol. 23, nº 3, p. 382–395, 9 ago. 2019.

MASCARENHAS, Janaina. Exploring the Dynamic of a Circular Ecosystem: A Case Study about Drivers and Barriers. **Sustainability (Switzerland)**, [s. l.], vol. 14, nº 13, p. 7875, 1 jul. 2022.

MATOS, Luísa; BARBOSA, José Geraldo Pereira. Um estudo sobre o perfil dos consumidores de brechós da Cidade do Rio de Janeiro. **PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, p. 151–163, ago. 2016. Disponível em: <https://revistapmkt.com.br/wp-content/uploads/2022/01/6-Um-estudo-sobre-o-perfil-dos-consumidores-de-brechos-da-Cidade-do-Rio-de-Janeiro.pdf> Acesso em: 22 jun. 2025.

MISHRA, Sita; JAIN, Sheetal; MALHOTRA, Gunjan. The anatomy of circular economy transition in the fashion industry. **Social Responsibility Journal**, [s. l.], vol. 17, nº 4, p. 524–542, 2020.

MOGGI, Sara; DAMERI, Renata Paola. Circular business model evolution: Stakeholder matters for a self-sufficient ecosystem. **Business Strategy and the Environment**, [s. l.], vol. 30, nº 6, p. 2830–2842, 1 set. 2021.

MOORE, J. F. Predators and prey: a new ecology of competition. **Harvard Business Review**, [s. l.], vol. 71, nº 3, p. 75–86, 1 maio 1993.

MURANKO, Žaneta; TASSELL, C.; VAN DER LAAN, A. Zeeuw; AURISICCHIO, M. Characterisation and Environmental Value Proposition of Reuse Models for Fast-Moving Consumer Goods: Reusable Packaging and Products. **Sustainability** **2021**, Vol. 13, Page 2609, [s. l.], vol. 13, n° 5, p. 2609, 1 mar. 2021.

MURRAY, Alan; SKENE, Keith; HAYNES, Kathryn. The Circular Economy: An Interdisciplinary Exploration of the Concept and Application in a Global Context. **Journal of Business Ethics**, [s. l.], vol. 140, n° 3, p. 369–380, 1 fev. 2017.

NIINIMÄKI, Kirsi; PETERS, Greg; DAHLBO, Helena; PERRY, Patsy; RISSANEN, Timo; GWILT, Alison. The environmental price of fast fashion. **Nature Reviews Earth & Environment**, [s. l.], vol. 1, n° 4, p. 189–200, 7 abr. 2020.

OMETTO, Aldo Roberto; KOSKUE, Veera; CERDÁN, José Manuel Alejandro; DE MELO DUARTE BORGES, Thyago; ROIKO, Anne; IFTEKHAR, Sayed; CORDELL, Dana; ROODS, Jordan; SHON, Ho Kyong; FREGUIA, Stefano; OLIVEIRA, Maicon G.; DE VASCONCELOS GOMES, Leonardo Augusto; EVANS, Steve; BEAL, Cara. Pathways to circular nutrient ecosystems: Strategic roadmaps addressing sustainability drivers and barriers in Australia. **Sustainable Production and Consumption**, [s. l.], vol. 56, p. 593–617, 1 jun. 2025.

O'REILLY, Seamus; KUMAR, Anita. Closing the loop: An exploratory study of reverse ready-made garment supply chains in Delhi NCR. **International journal of logistics management**, vol. 27, n. 2, p. 486–510, 2016.

PAL, Rudrajeet; GANDER, Jonathan. Modelling environmental value: An examination of sustainable business models within the fashion industry. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 184, p. 251–263, maio 2018.

PARIDA, Vinit; BURSTRÖM, Thommie; VISNJIC, Ivanka; WINCENT, Joakim. Orchestrating industrial ecosystem in circular economy: A two-stage transformation model for large manufacturing companies. **Journal of Business Research**, [s. l.], vol. 101, p. 715–725, 1 ago. 2019.

PAULA, Talita Botelho de. SEGUNDA MÃO: REÚSO E RESIGNIFICAÇÃO DAS ROUPAS. **CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, [s. l.], nº 28, 20 mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17514>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PEÇANHA, Lucio M.; FERREIRA, João J. Sustainable strategies and circular economy ecosystems: A literature review and future research agenda. **Business Strategy and the Environment**, [s. l.], vol. 34, nº 1, p. 1440–1459, 1 jan. 2025.

PERSSE, Ola; HINTON, Jennifer B. Second-hand clothing markets and a just circular economy? Exploring the role of business forms and profit. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 390, p. 136139, 1 mar. 2023.

PIERONI, Marina P.P.; MCALOONE, Tim C.; PIGOSSO, Daniela C.A. Configuring New Business Models for Circular Economy through Product–Service Systems. **Sustainability 2019, Vol. 11, Page 3727**, [s. l.], vol. 11, nº 13, p. 3727, 8 jul. 2019.

PIERONI, Marina P.P.; MCALOONE, Tim C.; PIGOSSO, Daniela C.A. From theory to practice: systematising and testing business model archetypes for circular economy. **Resources, Conservation and Recycling**, [s. l.], vol. 162, p. 105029, 1 nov. 2020.

PIETRULLA, Felicitas. Circular ecosystems: A review. **Cleaner and Circular Bioeconomy**, [s. l.], vol. 3, p. 100031, 1 dez. 2022.

PRIETO-SANDOVAL, Vanessa; JACA, Carmen; ORMAZABAL, Marta. Towards a consensus on the circular economy. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 179, p. 605–615, 1 abr. 2018.

ROSSI, Lisa Arianna; SRAI, Jagjit Singh. The role of digital technologies in configuring circular ecosystems. **International Journal of Operations and Production Management**, [s. l.], vol. 45, nº 4, p. 863–894, 2024.

SAHA, Krishnendu; DEY, Prasanta Kumar; KUMAR, Vikas. A comprehensive review of circular economy research in the textile and clothing industry. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 444, p. 141252, mar. 2024.

SANDBERG, Erik; PAL, Rudrajeet; HEMILÄ, Jukka. Exploring value creation and appropriation in the reverse clothing supply chain. **International journal of logistics management**, vol. 29, n. 1, p. 90–109, 2018.

SANDBERG, Erik. Orchestration capabilities in circular supply chains of post-consumer used clothes – A case study of a Swedish fashion retailer. **Journal of cleaner production**, vol. 387, n. 135935, p. 135935, fev. 2023.

SANDIN, Gustav; PETERS, Greg M. Environmental impact of textile reuse and recycling – A review. **Journal of Cleaner Production**, [s. l.], vol. 184, p. 353–365, 20 maio 2018.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. **Revista Eletrônica de Educação**, [s. l.], vol. 6, nº 1, p. 383–387, 29 maio 2012. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SHAMSUZZAMAN, Md; ISLAM, Mazed; MAMUN, Md Abdullah Al; RAYYAAN, Rishad; SOWROV, Kazi; ISLAM, Saniyat; SAYEM, Abu Sadat Muhammed. Fashion and textile waste management in the circular economy: A systematic review. **Cleaner Waste Systems**, [s. l.], vol. 11, 1 jun. 2025.

SHEN, Lei; SHI, Qingyue; PARIDA, Vinit; JOVANOVIĆ, Marin. Ecosystem orchestration practices for industrial firms: A qualitative meta-analysis, framework development and research agenda. **Journal of Business Research**, [s. l.], vol. 173, p. 114463, 1 fev. 2024.

SOARES, Cecília Elisabeth Barbosa. Da segunda mão à segunda chance: luxo e sustentabilidade em brechós de Paris e São Paulo. **Signos do Consumo**, [s. l.], vol. 13, nº 2, p. e181039–e181039, 12 dez. 2021. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/181039>. Acesso em: 22 jun. 2025.

TATE, Wendy L.; BALS, Lydia; BALS, Cristof; FOERSTL, Kai. Seeing the forest and not the trees: Learning from nature's circular economy. **Resources, Conservation and Recycling**, [s. l.], vol. 149, p. 115–129, 1 out. 2019.

TÊXTEL: ALTA NA PRODUÇÃO EM 2024 ANIMOU EMPRESÁRIOS PARA 2025. ABIT. 18 fev. 2025. Disponível em: <https://www.abit.org.br/noticias/textil-alta-na-producao-em-2024-animou-empresarios-para-2025>. Acesso em: 9 maio 2025.

TODESCHINI, Bruna Villa; CORTIMIGLIA, Marcelo Nogueira; CALLEGARO-DE-MENEZES, Daniela; GHEZZI, Antonio. Innovative and sustainable business models in the fashion industry: Entrepreneurial drivers, opportunities, and challenges. **Business Horizons**, [s. l.], vol. 60, nº 6, p. 759–770, nov. 2017.

TRANSITIONING TO A CIRCULAR ECONOMY BUSINESS | REPORT. Ellen MacArthur Foundation. 31 dez. 2012. Disponível em: <https://www.ellenmacarthurfoundation.org/towards-the-circular-economy-vol-1-an-economic-and-business-rationale-for-an>. Acesso em: 15 maio 2025.

TREVISAN, Adriana Hofmann; CASTRO, Camila Gonçalves; GOMES, L. A.V.; MASCARENHAS, J. Unlocking the circular ecosystem concept: Evolution, current research, and future directions. **Sustainable Production and Consumption**, [s. l.], vol. 29, p. 286–298, 1 jan. 2022.

TSUJIMOTO, Masaharu; KAJIKAWA, Yuya; TOMITA, Junichi; MATSUMOTO, Yoichi. A review of the ecosystem concept — Towards coherent ecosystem design. **Technological Forecasting and Social Change**, [s. l.], vol. 136, p. 49–58, 1 nov. 2018.

VESTERINEN, Essi; LEE, Michael S.W.; LUOMALA, Harri T. Wear Your Pants out and Be Happy! Clothing Consumption Curtailment and Consumer Subjective Well-Being. **Journal of Macromarketing**, [s. l.], 6 ago. 2024.

VIRGENS, Nívea das; SILVA, Susana; LARANJEIRA, Erika. Applications of the circular economy to the second-hand textile and clothing market: the case of Humana in Portugal. **International Journal of Fashion Design, Technology and Education**, [s. l.], vol. 16, nº 2, p. 214–223, 4 maio 2023.

WEETMAN, Catherine. **A circular economy handbook for business and supply chains: Repair, remake, redesign, rethink**. Londres, England: Kogan Page, 2016

XU, Yingjiao; CHEN, Yizhuo; BURMAN, Ritika; ZHAO, Hongshan. Second-hand clothing consumption: a cross-cultural comparison between American and Chinese young consumers: Second-hand clothing: a cross-cultural comparison. **International journal of consumer studies**, vol. 38, n. 6, p. 670–677, 2014.

YU, Yunzhijun; GOMEZ-BORQUEZ, Claudia L.; ZAICHKOWSKY, Judith Lynne. Mitigating Trendy Cheap Fast Fashion's Negative Impact. **Journal of Sustainable Marketing**, [s. l.], vol. 4, nº 2, p. 128–148, 2023.

ZANJIRANI FARAHANI, Reza; ASGARI, Nasrin; VAN WASSENHOVE, Luk N. Fast Fashion, Charities, and the Circular Economy: Challenges for Operations Management. **Production and Operations Management**, [s. l.], vol. 31, nº 3, p. 1089–1114, 1 mar. 2022.

APÊNDICE A – LISTA DOS BRECHÓS ENCONTRADOS

Identificação	Nome	Endereço
1	Brechó Brechik	Tv. Jorn. Osvaldo Melo, 73 - loja - Centro, Florianópolis - SC, 88020-110
2	UMALUZBRECHO	R. Fernando Machado, 140 - Centro, Florianópolis - SC, 88020-130
3	Baú de Luxo	Calçada João Pinto, 165 - sala 01 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-420
4	Tenda Brechó e bar	R. Victor Meirelles, 98 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-440
5	Breshopp Moda Sustentável	R. Anita Garibaldi, 152 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-500
6	Misteriosa Ilha Brechó	Praça Pereira Oliveira, 06 - 12 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-540
7	Vida Urbana - Brechó & Outlet	Av. Pref. Osmar Cunha, 106 - Centro, Florianópolis - SC, 88015-100
8	Succa Brechó	Rua marechal Guilherme 103 (Edifício Canadá, 01 - Centro, Florianópolis - SC, 88015-000
9	Casa Varal Florianópolis - loja colaborativa e café	R. Padre Miguelinho, 44 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-550
10	Maricotice Brechó	Edifício Apolo, R. Ten. Silveira, 199 - Sala 501 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-300
11	Sheila Vintage	R. Conselheiro Mafra, 220 - loja 604 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-100
12	Brechó Gibraltar Butiki Vintage	R. Francisco Tolentino, 312 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-400
13	Circulare Brechó	R. Felipe Schmidt, 303 - 5º Andar, Sala 510 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-000
14	Peça Rara Floripa Mais	R. Sete de Setembro, 169 - Centro, Florianópolis - SC, 88010-060
15	BLANC NOIR	Av. Pref. Osmar Cunha, 416 - loja 09 - Centro, Florianópolis - SC, 88015-200
16	J'amei Second Hand	Edifício Mirage Tower - Av. Rio Branco, 333 - Sala 1107 - Centro, Florianópolis - SC, 88015-201
17	Tôôdisponível - Moda Circular	R. Vítor Konder, 352 - Centro, Florianópolis - SC, 88015-400
18	Dig For Fashion Floripa - Brechó Pátio Milano	Pátio Milano Food Hall - gastronomia, serviços e bem-estar - Av. Mauro Ramos, 1512 - Loja 1 - Centro, Florianópolis - SC, 88020-302
19	Remix Brechó	R. Dr. Agostinho Sielski, 2 - Sala 02 - Santa Monica, Florianópolis - SC, 88035-320
20	Brechó Twenty One	Rua Cyro Belli Muller, nº 33 - Loja 02 - Santa Monica, Florianópolis - SC, 88035-090
21	Quex Dix - Moda Circular	R. Apeninos, 23 - Córrego Grande, Florianópolis - SC, 88037-620
22	Jardim da Jo Brechó e Presentes	R. Dep. Antônio Edu Vieira, 745 - Pantanal, Florianópolis - SC, 88040-001
23	Mb Nossos Desapegos	R. Dep. Antônio Edu Vieira, 1320 - Pantanal, Florianópolis - SC, 88040-001
24	Brechó da ACV	R. Alba Dias Cunha, 106 - Trindade, Florianópolis - SC, 88036-020
25	LOOK BRECHÓ	R. Prof. Milton Roque Ramos Krieger, 53 - Trindade, Florianópolis - SC, 88036-080
26	Brechó Cabides da Ju	R. Lauro Linhares, 728 - sala 113 - Trindade, Florianópolis - SC, 88036-001
27	Tendência Brechó&Outlet	R. Lauro Linhares - Trindade, Florianópolis - SC, 88036-003
28	Desapega Floripa	R. Lauro Linhares, 1281 - loja 2 - Trindade, Florianópolis - S C, 88036-003

Fonte: elaborado pela autora (2025).

APÊNDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Categoria	Pergunta	Referência
1. <i>Contextualização e Motivação</i>	1.1 Quando e por que você inaugurou o brechó?	Trevisan et al. (2021); Asgari e Asgari (2021); Ometto et al. (2025)
	1.2 Quais motivações — pessoais, econômicas ou ambientais — o levaram a ingressar no mercado de segunda mão?	
2. <i>Papeis e Responsabilidades</i>	2.1 Como funciona o fluxo de recebimento e venda de roupas dentro do brechó?	Trevisan et al. (2021); Gomes et al. (2024); Aryee (2024); Gomes et al. (2023)
	2.2 Quais outros atores (fornecedores, cooperativas, plataformas) participam do seu fluxo operacional e de que forma?	
3. <i>Colaboração e Fluxo de informações e materiais</i>	3.1 Você colabora de alguma forma com outros brechós? (Por exemplo compartilhamento de informações, materiais ou ações conjuntas) Se sim, como ocorre?	Trevisan et al. (2021); Castillo-Ospina et al. (2025); DiVito et al. (2025)
	3.2 Você compartilha informações de estoque, vendas ou logística com outros brechós ou agentes? Como e com que frequência?	
4. <i>Governança e Orquestração</i>	(Se há colaboração com outros brechós) 4.1 Existem regras, acordos ou contratos formais que orientam sua relação com outros brechós ou parceiros?	Gomes et al. (2024); Aryee (2024); Gomes et al. (2023)
5. <i>Infraestrutura e Recursos</i>	5.1 Quais infraestruturas (físicas ou digitais) você considera essenciais para fortalecer a operação?	Asgari e Asgari (2021); DiVito et al. (2025); Gomes et al. (2023)
6. <i>Estratégias Operacionais</i>	6.1 Quais estratégias operacionais — como marketing, eventos colaborativos, políticas de preço ou consignação — você julga prioritárias para aumentar o valor percebido pelos clientes?	Asgari e Asgari (2021); Trevisan et al. (2021); Ometto et al. (2025)

Fonte: elaborado pela autora (2025).

APÊNDICE C – GUIA DE CONTATO COM OS BRECHÓS

(continua)

Identificação	Primeiro contato		Segundo contato		Terceiro contato		Data da Entrevista
	WhatsApp	Instagram	WhatsApp	Instagram	WhatsApp	Instagram	
B01	Resposta positiva	-	Agendamento da entrevista	-	-	-	28-jul.
B02	Inativo	-	-	-	-	-	
B03	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B04	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B05	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B06	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B07	Inativo	-	-	-	-	-	
B08	Sem resposta	Resposta positiva		Agendamento da entrevista	-	-	Desistiu
B09	Sem resposta	Sem resposta	Resposta negativa	-	-	-	
B10	Sem resposta	Resposta positiva		Agendamento da entrevista	-	-	31-jul.
B11	Sem resposta	Resposta positiva	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B12	Inativo	-	-	-	-	-	
B13	Resposta positiva		Agendamento da entrevista	-	-	-	6-ago.
B14	Resposta positiva		Agendamento da entrevista	-	-	-	18-jul.
B15	Sem resposta	Resposta negativa	-	-	-	-	
B16	Inativo	-	-	-	-	-	
B17	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B18	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B19	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B20	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B21	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B22	Resposta negativa		-	-			

APÊNDICE C – GUIA DE CONTATO COM OS BRECHÓS

(conclusão)

Identificação	Primeiro contato		Segundo contato		Terceiro contato		Data da Entrevista
	WhatsApp	Instagram	WhatsApp	Instagram	WhatsApp	Instagram	
B23	Resposta positiva		Sem resposta	-	Sem resposta	Sem resposta	
B24	Resposta positiva		Sem resposta	-	Sem resposta	Sem resposta	
B25	Resposta negativa		-	-	-	-	
B26	Resposta positiva		Agendamento da entrevista	-	-	-	14-jul.
B27	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	
B28	Sem resposta	Sem resposta	Resposta negativa	-	-	-	

Fonte: elaborado pela autora (2025).

APÊNDICE D – BRECHÓ A X DRIVERS

Fatores Culturais e Comportamentais	As fornecedoras muitas vezes trazem peças novas com etiqueta. Caso tragam peças fora do perfil da loja indicam onde poderiam doar, caso esteja em mau estado indicam onde descartar. O sistema de créditos da loja incita as clientes a trocarem peças que estão paradas no guarda roupa por peças do brechó.
Consciência Ambiental	Pontua que estou Design de Moda e sempre gostou de moda circular.
Fatores Econômicos e de Mercado	Sem evidência
Infraestrutura e Recursos	O brechó é uma franquia que faz parte de uma rede maior, desta forma todas seguem o mesmo padrão de operação. A ideia é parecer uma loja "tradicional", com estética semelhante a shopping.
Plataformas digitais	Usa sistema da franquia com aplicativo para consignantes, que mostra estoque, vendas, itens em liquidação e gera crédito automático após a venda (resgatável na loja). A venda on-line ocorre em grupo VIP no WhatsApp (acesso por convite; novidades chegam primeiro lá) e no Instagram — o que não vende no grupo é repostado no Instagram. Evita avaliação só por foto, priorizando análise presencial das peças.
Capacidades de Inovação e Aprendizado	Estimula a troca e a recompra via crédito gerado no aplicativo (pós-venda), usado também por integrantes da própria equipe que atuam como fornecedoras/clientes. Relata percepção de maior valor em relação à compra tradicional (mais peças pelo mesmo gasto), reforçando o aprendizado sobre os benefícios econômicos da circularidade.
Integração e Relacionamento	Mantém parcerias com ONGs locais para escoamento: as peças destinadas à doação são acondicionadas em tonel e as entidades retiram no ponto; em casos como a Rede Feminina, fazem curadoria e vendem a valor social para manter a organização. No âmbito da franquia, conta com mentoria estruturada por consultoras regionais, que apoia a operação.
Complementariedade	Sem evidência
Definição de Papeis	São mentoradas pelas consultoras designadas pela rede de franquias
Fatores Institucionais e Regulatórios	Sem evidência

Fonte: elaborado pela autora (2025).

APÊNDICE E – BRECHÓ B X DRIVERS

Fatores Institucionais e Regulatórios	Sem evidência
Fatores Culturais e Comportamentais	Sem evidência
Consciência Ambiental	Sem evidência
Fatores Econômicos e de Mercado	Sem evidência
Infraestrutura e Recursos	Operação resultante da união de dois brechós, que passaram a integrar trabalho e finanças por confiança e alinhamento. O abastecimento é majoritariamente por garimpo em asilos, instituições filantrópicas, igrejas e bazares (compras). Antes vendiam em feiras com arara; hoje operam com estrutura própria. Reformam/recuperam peças quando há potencial e mantêm “cesto de R\$ 10” como promoção permanente para vendas.
Plataformas digitais	Começou como brechó on-line no Instagram e hoje opera multicanal. Mantém protocolo diário no WhatsApp (fotos com escala de cores pré-definida) e um Grupo VIP linkado no Instagram; as mesmas peças são postadas no feed e no grupo, com stories e live mensal no Instagram. Também vende via Enjoei. O Google gera tráfego presencial semanal para a loja. A principal plataforma de venda é o WhatsApp, onde oferece atendimento mais especializado; TikTok é usado para alcance e engajamento.
Capacidades de Inovação e Aprendizado	Experimenta canais e formatos e ajusta rápido à demanda: usa marketplaces (Enjoei; antes, também OLX) para ampliar alcance quando a localização física dificultava a divulgação. Pratica reforma leve/recuperação e acompanha tendências — peças recuperadas podem ganhar valor e girar quando voltam à moda.
Integração e Relacionamento	Participaram de diversas feiras de brechós, inclusive a primeira edição que teve em Florianópolis. A loja veio do relacionamento que criaram enquanto participavam nas feiras.
Complementariedade	Sem evidência
Governança e Orquestração	Pontuaram que as feiras de brechós em Florianópolis são organizadas por gestoras, existem 5 gestoras principais na cidade.
Definição de Papeis	Sem evidência

Fonte: elaborado pela autora (2025).

APÊNDICE F – BRECHÓ C X DRIVERS

Fatores Institucionais e Regulatórios	Pontua que em Santa Catarina há uma exigência tributária específica, então precisaram se adaptar para não serem multadas, por isso usam sistemas financeiros para geração de notas.
Fatores Culturais e Comportamentais	Novas clientes chegam para despaguear de peças na loja e se encatam com a qualidade das roupas, e assim acabam comprando novas peças no brechó, o que gera a moda circular. Isso facilita a quebra de paradigma para pessoas que ainda tem preconceito com os brechós.
Consciência Ambiental	Se identificam com a moda circular, são mais do que uma loja que vende peças usadas, pois fazem a moda circular acontecer.
Fatores Econômicos e de Mercado	Se identificam como um brechó com perfil mais "nichado" - trabalham com um perfil específico de clientes. São clientes com poder aquisitivo mais alto que buscam peças de qualidade.
Infraestrutura e Recursos	Mantém estrutura e processos formalizados: curadoria e precificação dedicadas, cadastro por lote com emissão de nota e mínimo de 10 peças por envio; ampliou a operação para linha infantil. Define fluxos de saída: se não vender na estação, devolve; oferece envio para retirada (taxa simbólica de R\$ 15); na ausência de retirada/retorno, encaminha para doação, sempre comunicando.
Plataformas digitais	Faz triagem por fotos via WhatsApp e envia a lista de peças aceitas pelo próprio app. Opera com sistema integrado (caixa, vendas, controle de estoque) voltado a brechó e adota estratégias diferenciadas por canal. Hoje os canais ativos são loja física, Instagram e WhatsApp; já operou site (Nuvemshop) alimentado diariamente, priorizando peças-chave e itens de desejo (ticket mais alto no site).
Capacidades de Inovação e Aprendizado	Sem evidência
Integração e Relacionamento	Participa de encontros entre brechós de Florianópolis para troca de experiências, avaliados como positivos e fortalecedores da rede. Também recebeu mentoria externa de uma gestora com experiência em rede nacional de brechós. No dia a dia, pratica trocas de estoque com outras lojas (p.ex., tamanhos específicos) para melhor atender a demanda. No escoamento, realiza doações quando a consignante se dispõe ou, na ausência de retirada/retorno, encaminha peças para instituições locais (ONGs, igrejas, centros comunitários).
Complementariedade	Pontua que não faz sentido ver os outros brechós como concorrentes, existe mercado para todos.
Governança e Orquestração	Sem evidência
Definição de Papeis	Sem evidência

Fonte: elaborado pela autora (2025).

APÊNDICE G – BRECHÓ D X DRIVERS

Fatores Institucionais e Regulatórios	Sem evidência
Fatores Culturais e Comportamentais	Sem evidência
Consciência Ambiental	Sem evidência
Fatores Econômicos e de Mercado	É um dos brechós mais antigos da cidade e pioneiro na contratação formal de equipe (carteira assinada). Opera em compra para revenda e incorpora na precificação de compra os riscos de desgaste por material (ex.: poliuretano, calçados), ainda que nem sempre percebidos pelos clientes.
Infraestrutura e Recursos	Compram peças das fornecedoras e também compram peças em lotes de lojas de outlet. As peças que demoram a ser vendidas são destinadas a um baú de promoção (peças a 10 reais). Focam a estratégia de marketing na marca da loja.
Plataformas digitais	Opera multicanal, com venda on-line via site e WhatsApp; o WhatsApp funciona como hub de negociação (link/ícone fixo no site). Usa Instagram como vitrine e TikTok para alcance. Está iniciando a captação de desapegos de roupas de pessoas de outros estados também.
Capacidades de Inovação e Aprendizado	Desenvolveu capacidades digitais na pandemia: iniciou vendas on-line via Instagram e, para dar autonomia ao cliente, implantou site próprio (hoje funciona bem). Mostra profissionalização da operação (contratações formais) e segue em aprendizado, avaliando implementar newsletter — ainda em estudo pelo custo e tempo envolvidos.
Integração e Relacionamento	Constrói relações de abastecimento e escoamento: mantém contato com marcas que repassam peças (compra em lotes ou por seleção negociada) e, no outro fluxo, doa a instituições de caridade e igrejas locais que retiram no ponto, redirecionando excedentes e evitando descarte no lixo. Participa de encontros entre brechós, com troca de experiências. Mantém contato frequente com outras lojas da sua vizinhança, para pautas de segurança e mobilizações do comércio. Pratica encaminhamentos a outros brechós quando o item não é do seu perfil.
Complementariedade	Reconhece e gosta que cada brechó tem sua personalidade e público alvo, isso é favorável para todos. Recomenda outros locais quando a peça que chega não é do seu perfil.
Governança e Orquestração	Sem evidência
Definição de Papeis	Pontua que o contato entre os brechós é informal. Nos encontros seu papel é de compartilhar o evento nas redes sociais, além de participar e trazer seus conhecimentos.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

APÊNDICE H – BRECHÓ E X DRIVERS

Fatores Institucionais e Regulatórios	Sem evidência
Fatores Culturais e Comportamentais	Estimula revisão de armário a cada estação e o ‘desapego’ das clientes; orienta trazer peças para revenda/ troca, reforçando uso recorrente do brechó
Consciência Ambiental	Define moda circular e consumo consciente como propósito explícito do negócio; a própria decisão de abrir a loja foi motivada pela crença no potencial do reuso de peças. A conscientização ambiental integra o posicionamento do brechó e orienta sua atuação.
Fatores Econômicos e de Mercado	Ressalta que não “brincam” de brechó: operam como empresa focada em moda consciente. Crítica abordagens amadoras e observa que muitos que agem assim fecharam; para se manter, é preciso profissionalismo.
Infraestrutura e Recursos	Mantém infraestrutura organizacional e digital estruturada: contrato formal com consignantes; planilhas de precificação feitas por profissional de finanças; equipe de 8 pessoas (vendas, gerência, marketing, curadoria, financeiro, design e relatórios). Presença online robusta (Google pago, muitas avaliações estimuladas no pós-venda) e Instagram como canal central.
Plataformas digitais	Opera com sistema integrado que cobre vendas, curadoria e finanças: cada consignante tem código próprio, as peças entram precificadas, há controle de estoque e a baixa do site é automática no sistema. Comercializa por Instagram, loja física e grupos de WhatsApp, postando as peças e deixando-as disponíveis na loja quando não vendidas online.
Capacidades de Inovação e Aprendizado	Foi um dos primeiros brechós da cidade a fazer lives no Instagram durante a pandemia. Realiza eventos para troca de conhecimentos e experiência entre brechós. Procurou mentoria do SEBRAE ao iniciar o negócio.
Integração e Relacionamento	Mantém parceria com 12 instituições — igrejas, hospitais e organizações de caridade — visitadas pessoalmente. Encaminha para doação as peças que não vendem ou chegam fora do perfil (ex.: lycra → projeto do Hospital Infantil; itens com “cara de bazar” → Igreja da Trindade; armários coletivos). Peças sem condições de uso são descartadas corretamente via COMCAP. Participou de eventos para colaboração entre brechós e assim decidiu organizar seu próprio evento na cidade.
Complementariedade	Aponta complementaridade entre brechós — cada um com perfil e estilo próprios — e, por isso, não se veem como concorrentes. O brechó atende público que preza qualidade em moda circular (não o segmento de “R\$ 20–30”), com poder aquisitivo um pouco maior e expectativa de peças em ótimo estado.
Governança e Orquestração	Orquestra encontros entre lojas de moda circular, cerca de 2×/ano, com tema definido e troca de experiências; a última edição reuniu 32 brechós. A condução é profissional (convite, inscrição via WhatsApp e lista), com adesão crescente (três edições). Quem não participa costuma atuar fora da lógica da circularidade (revenda de novas).
Definição de Papeis	Organiza e planeja o evento, cria a arte pois tem a estrutura de marketing. Repassa o convite para os brechos para que convidem mais pessoas, contanto que realizem a inscrição.

Fonte: elaborado pela autora (2025).

